

Sara sob céu escuro

Antonio Vicente
SERAPHIM PIETROFORTE

Sara sob céu escuro

romance – quase um manifesto

[e]editorial

Lírica e lugar comum

Peripatético, mancaria até o último lance da escadaria estreita, o tapete vermelho dobrado em cada degrau. Se me levanto quando o barco assoma e o Encouraçado Potemkin me acena com a vitória certa rumo ao socialismo, é apenas por sinal de respeito, é um problema meu. No Trópico de Câncer, a favela russa é uma bosta, fica no meio da bosta, nada como encontrar, no chão do banheiro, uma entrada para assistir à orquestra sinfônica. Contudo, enquanto subia as escadas, seria quase uma engrenagem na máquina do capitalismo; o capote verde parecia capa de militar; o futuro é um coturno escuro, pisando na cara dos inocentes. Por quê? Porque toda poesia é um ato de barbárie.

A chave – por pouco, não seria a flor de lis – serviria para abrir a porta do apartamento no final do corredor do último andar. Assim, há entre o

homem e a sociedade o *páthos* da distância; o mais frágil, o mais delicado será tocado. O quarto do Minotauro, sem número; precisa escrever a conferência, de uma máquina de escrever – que isto é de se esperar, porém, constitui conclusão da mais simples reflexão, pois o conteúdo de uma poesia não é somente a expressão de motivações e experiências individuais.

Maldito capitalismo... pensou, olhando para o teto; a musa está sentada na cadeira rosa, em forma de mão aberta, no centro da sala, ao alcance da vista e do teclado da máquina. A amiga imaginária do filósofo existe de verdade, fora do indivíduo, feito lírica; singularizada, enquanto ele escreve, ela lê. Não como Lolita lê, montes de bobagens, mas os estudos de Freud a propósito da cocaína.

Nas estantes ao redor da moça, de camisola vermelha, as unhas das mãos e dos pés pintadas de vermelho, Hegel, Marx e, entre eles, o holocausto acena, o reprimido surge no seio da repressão, a Função do Orgasmo. Ninguém prestaria atenção ao professor, não fosse a musa – o fetichismo nela e na música, o rádio reproduz, tecnicamente, a noite transfigurada capaz de revolucionar o sistema.

A grandeza das obras de arte, contudo, consiste unicamente no permitirem expressar o que a ide-

ologia encobre. De olho na musa vermelha, de cabelo vermelho, o que a ideologia encobre? Imperfeita, a teia da realidade pode ser fraturada por ela, pelos seios dela, pele cor de rosa deles. Ela mesma, uma coisa, envolve protestos contra a situação social, experimentada por cada um em particular como hostil, estranha, fria, opressora em relação a si. O Rigveda ressoa nos rumores do conferencista, o brâmane vai declamar mais uma ode contra o capital e ela lê, atravessada na mão gigante, entre os dedos e o polegar opositor.

A dama e o King Kong, o médico e o monstro enterrados no mesmo macaco. Por capricho, um cara boboca está diante da negação da natureza animal na natureza humana, da camisola e da conferência – homens néscios... – e ela é tão bonita quanto a prepotência das coisas, quando vira as páginas do livro e respira.

Conceber a lírica como algo contraposto à sociedade, absolutamente individual; conceber como lírica e sociedade, acreditar na dominação das mercadorias sobre os homens; uma engrenagem na máquina mercante. Comércio vem de Hermes – quanto custaria a Tábua de Esmeraldas? Sem nenhum adorno, só a camisola, o esmalte, a cor dos cabelos soltos e vermelhos sobre os ombros brancos.

O encontro singular do nazista sádico com a judia masoquista – em Aushwitz, o amor em plenitude, como na poesia, na lírica, na fuga da morte, no Porteiro da Noite... Como no mágico de Oz escrito em Persa; o presente de Deus para Rumi, para Ibn Arabi, para o árabe louco Abdul Alhazred.

Para ele, apenas a conferência, a militância, a esquerda e o lugar ameno nos horizontes do provável – mas não pode ser, parecia um hippie falando do sistema, falando de engrenagens... Não me refiro à lírica japonesa, chinesa e árabe, uma vez que não a posso ler no original, e nutro a suspeita de ser ela, em virtude da tradução, submetida a um mecanismo de adaptação que torna absolutamente impossível uma compreensão apropriada. Entretanto, no meio do lago eleva-se um pavilhão de porcelana branca.

Para chegar lá,
é preciso atravessar uma pequena ponte de jade
que tem a curva de um tigre pronto para o assalto.

Vento de primavera – o mugido da vaca, do outro lado do aterro.

Feito máquina, o exterior esmorece no eco da alma; falaria mal de Gutenberg, mas basta esquecer Catulo, a dama, o passarinho. Há uma lira sádica, cuja afinação recíproca entre um tal sofrimento e um tal amor, seja talvez capaz de fazer com que nela

o eu desperte a aparência da natureza, subtraindo-se à alienação. Seria melhor ler São João da Cruz e a Noite Escura, melhor olhar a musa lendo a respeito das drogas e as alterações dos estados de consciência em torno da cocaína, dela e da camisola. A bandeira vermelha na sala, sentada na mão esquerda, depende do ponto de vista quando se trata dos pilares do rigor e da misericórdia; há um vale ameno, coberto de flores, que resiste ao tumulto moderno, ao capitalismo, aos grandes centros urbanos, ao mercado... Se o poema de Goethe tratasse da cidade e seu tumulto, com certeza resistiria ao marasmo, fruto do capitalismo e da alienação, a resposta teria sido a mesma. Enviesadamente, todo escritor vira comunista, toda poesia é resistência, a Odisséia é, antes de tudo, um retrato da luta de classes.

Não se trata do colocar o apolíneo e o dionisíaco na mesma sala; o conferencista não se parece nada com Apolo; quem se senta na poltrona-mão é uma mulher descalça – antes de Dionísio, Héstia, filha mais velha do Tempo, Vesta para os romanos. Um brado retumbante – a conferência parecia ópera, já dizia meu amigo Antonio Buzar que o manifesto comunista fora composto como uma ópera de Verdi – pelo menos, no realismo socialista o corpo ainda resiste forte, há tempo de vencer a morte, que

tremam as flores, que vivam os ares, que de sublime
escarlate as rosas brilhem tanto.

Imerso na política e na conferência, não há
espaço para a resistência da poesia, a única coisa
que resiste ainda é a mesma conclusão de sempre, a
do sujeito poético, que representa um sujeito coleti-
vo, mais universal, com a realidade social que lhe é
antitética.

Grande mãe.

Beleza preta

No ventre do vento.

Dona do vento que desgrenha as brenhas

Dona do vento que despenteia os campos

Dona de minha cabeça.

De uma individuação sem reservas, a formação
lírica espera o universal; o aprofundamento no indi-
viduado eleva ao universal o poema lírico – só não
definiu lírica, indivíduo, universal...

Toma conta de mim.

Em tempo o susto, toc toc na porta – feito o
barulho de saltos altos em chão de madeira – al-
guém subiu sem que o interfone soasse, suspenso

na cozinha. A musa se levanta para ver quem é, descalça sobre os tapetes vai em silêncio até a porta da sala. O corredor em trevas, sem o truque do olho mágico resta a corrente na porta, algumas trancas – o apelo que vem de fora é a voz de outra mulher:

– Desculpe, minha senhora, sinto muito incomodá-la, mas minha amiga e eu saímos para passear e minha amiga se sentiu mal de repente, teve um mal súbito e agora está lá, na estrada, dura no chão e gemendo. Poderia ter a bondade de me deixar usar o seu telefone para chamar uma ambulância?

– Nós não temos telefone – disse a devótcheca – Sinto muito, mas não temos. A senhora vai ter que procurar em outro lugar – De dentro do apartamento malenque, podia-se esluçar o claque claque cláquete claquelaque de algum veque batendo à máquina, e aí as batidas pararam e veio a golosse do tcheloveque indagando: “O que é, meu amor?”

– Bem – disse a voz – a senhora poderia ter a bondade de dar um copo d’água para ela? Sabe, é como um desfalecimento. Foi como se ela tivesse perdido os sentidos, como um desmaio.

Instantes de hesitação, e a musa devótcheca seminua exclamou “espera aí”.

O barulho da correntinha do trinco soou como um poema, a voz virou um corpo – três corpos

diante da porta aberta pela devótcheca, uma guriazinha jovem e bonitinha, com grudes muito horror show.

Com ela estava o tcheloveque que era o mudge dela, mas de aparência senil, usando óculos de aro de tartaruga, e em cima duma mesa havia uma máquina de escrever e muito papel espalhado por tudo quanto era lugar, mas tinha assim uma pilha de papel, como se fosse a que ele já havia batido, portanto lá estava um cara do tipo inteligente, do tipo chegado a livros. Mas aí ele falou:

– O que é isso? Quem são vocês? Como é que se atrevem a entrar na minha casa sem permissão? – e o tempo todo a sua golosse tremia e os rúqueres também. Então, aquela que parecia ser a líder das invasoras disse:

– Não temas. Se medo tens em teu coração, irmão, peço-te, expulsa-o incontinenti.

Três devótchecas mais uma, quatro devótchecas para o veque maldito; quase um número místico no reino da quantidade e o sinal dos tempos. Três, como Osíris, Isís e Hórus; as três Marias; três e uma, o quaternário cósmico. As três vestidas de colegial, como nos mangás, usavam máscaras de couro com zíper na boca e nos olhos; por cima das máscaras, como nos domos antigos, vazios nos altos das

cabeças por onde saiam os cabelos em rabos de cavalos. A mais alta, mais magra e mais inteligente dirigiu-se ao veque assustado:

– O que é isso? – disse apanhando as folhas de papéis batidos, empilhadas em cima da mesa.

O mudge de óculos de aro de tartaruga respondeu, trêmulo:

– É exatamente o que quero saber. O que é isso? O que vocês querem? Saiam imediatamente antes que eu jogue vocês lá fora!

Não jogou. Levou um murro na cara, a terceira devótcheca acertou em cheio a insolência do veque palhaço. As camisas semi-abertas, os sutiãs desajeitados, as meias fumes desfiadas aqui, ali, entre os coturnos e as saias bem curtas. Menos a menor; vinha descalça, as meias rasgavam na altura dos tornozelos.

– É uma conferência!... – não se tratava de Sara sob céu escuro, ela leu os primeiros parágrafos atentamente, enquanto o veque tombava no chão.

Lá de baixo, viu a mocinha descalça algemar os pulsos da devótcheca guriazinha jovem e bonitinha, com grudes muito horror show saltando fora das alças da camisola vermelha; algemou os braços atrás das costas.

Arfou, sorveu o ar enfumaçado, fruto da bomba acesa pela mocinha mais inteligente; a devótcheca dona da casa, indefesa, ficava ainda mais bonita. Com o cigarro nos lábios, alcançou duas bolotas no bolso do casaco preto e folgado, um rolo de fita adesiva e um malabarismo no ar, feito menina no farol de rua. Uma das bolas é para a boca em O da devótcheca guriazinha algemada, prendeu no rosto dela com algumas voltas de fita adesiva para que não gritasse; mandou um chute bem dado no peito do veque; o cara tossiu tremendo muito, a mocinha do meio mantinha o mudge submisso.

A outra bola foi parar na boca do veque, parecia uma bola de bilhar nas mesas da vida.

– Vou declamar um poema lírico para você – encenou a malabarista cínica.

Perguntais quem és? É aquela que vedes
de indecente andar, vindo com seus gestos
debochados, de boca arreganhada.

Fazei o cerco a ela e reclamai:

“Putá fétida, devolve os cadernos,
devolve, fétida puta, os cadernos.”

Tu nem ligas? Ó lama, lupanar,
ou o que pode ser de mais perdido.
Mas não se creia ser isto o bastante.

Se nada mais se pode, o rubor vamos
pôr na cara de pau desta cadela.

Passou a examinar as estantes repletas de livros, enquanto as vítimas se debatiam nas mãos das duas comparsas.

– Você só lê bobagens! – exclamou, derrubando os livros – Vou te mostrar a explosão do universal no seio do individual – e mandou um chute profundo nas bolas do veque caído.

A bola da boca quase salta fora; mas permaneceria ali, grudada na fita adesiva. No seio da anarquia, toda poesia vira ato de barbárie; nem niilismo nazista, nem as promessas do Kaos, somente três mocinhas a barbarizar na noite paulistana. A mais alta, dona da voz, se dividia entre seviciar a devótcheca com os grudes de fora muito horror show, as nogas duras e lisinhas, a bruca retinha, feito bailarina de circo, e espezinhar o mudge lasso, covardemente.

– Sei que vou morrer não sei o dia... Tum! – cantava, marcava o ritmo chutando o veque deitado – Levarei saudades da Maria... Tum! ... Sei que vou morrer não sei a hora... Tum! Tum!... Levarei saudades da Aurora... Tum! Quero morrer numa batucada de bamba, na cadência bonita do samba...

Daí em diante, substituíram a Noite Transfigurada por Ornette Coleman, fizeram a festa no apartamento do veque. Mudaram as coisas de lugar, não sobrou pedra sobre pedra na decoração da casa; oh quantos homens vivam tão felizes, quem mais que eu é alegre ou mais feliz? O arco do Viaduto do Chá parece a lua crescente, os reflexos das peônias são como moças dançando.

Salut

*O vento abençoou minhas manhãs marítimas.
Mais leve que uma rolha, eu dancei nos lençóis
Das ondas a rolar atrás de suas vítimas,
Dez noites, sem pensar nos olhos dos faróis!*
Rimbaud / Augusto de Campos

Sara cruzou os pés por cima da cadeira vazia. Quem quisesse se aproximar teria de passar pelo coturno escuro, com bico de aço; dali por diante, as pernas finas e compridas, a calça apertada, a camiseta cavada e os braços finos, por baixo do casaco preto.

Sara matava o tempo, o ano de 2050 corria em direção ao fim. Sentada no meio do bar e no meio do século, Sara seria alguma coisa depois de fumar a bomba, beber o chá cor de vinho, procurar pelas copas do arvoredado através da janela.

A rua estreita em frente à Praça Roosevelt, Sara divaga em encontrar uma flor de cinco pontas, feito estrela, para por nos cabelos embaraçados com a flor, com ela, com agrados. Os caracóis miúdos pareciam molas de relógio, Sara nem era tão precisa assim. A maconha comprada na tabacaria; havia maços com as efígies do Peter Tosh, do Camões –

de olho vermelho – e do Chico Buarque de Hollanda – igual na capa do primeiro disco: de um lado do maço a cara triste, do outro, o cara alegre.

Sara fuma indiferente, prefere comprar as ervas na balança, como na Europa, mas naquela manhã comprara o maço do Chico Buarque. Percorrer as dez sephiroth da árvore da vida, de degrau em degrau se faz a arte e sua descida aos reinos da Terra, onde há tanta beleza; no meio da neblina e do perfume adocicado, Sara se prepara para focalizar Drusilla nas escadarias da praça.

– Porréia, seu filho da puta!...

Punha, o copo na mão, quebrou-se em cacos de vidro entre os dedos do monstro, depois e antes dos gritos de cólera. Parece obrigação, caso contrário não parece mais um ramo da literatura universal, um ramo mais pobre, que devemos amar só porque é nosso. No mesmo lugar, Punha e Zé Porréia; entre Sara e Drusilla, os parceiros vão tramar uma artimanha.

Punha tem história de violência e morte, mas, como William Burroughs na América Latina, nunca foi preso, nunca teria tempo para ler punhados de livros por trás das grades da prisão, como Albert Speer. Feito fanático, não deixaria pedra sobre pedra, nada pode detê-lo depois que Punha começa a

derrubar as coisas. Homens e ratos... Punha e Zé Porréia... Zé Porreia era um bosta, além do Punha e do Zé Porréia, havia o Carioca eletricista contando suas chupetas:

– Eu sou um cara ridículo, disse pra mina na rua... Sabe a Marta, minha noiva – havia a esposa, a noiva e a namorada, todas muito gordas – eu levei a Marta prum motel e aí a gente pediu frango a passarinho... Depois, eu fui fazer uma chupeta nela – e rangia os dentes, abria a boca, beijava a boceta mágica no vazio – depois eu pedi pra ela chupar minha rola e ela disse que não... Que eu ia gozar na boca dela... Que não... Que não ia gozar... Que só queria uma tchups – aí ela começou, ele começou de novo, a boceta mística gira ao redor do homem – então eu dei a maior gozada, ela deu o maior engasgo, vomitou o frango no lençol!

E ria, ria como um idiota rural. Se o Carioca falsificasse qualquer peça de automóvel, ninguém seria capaz de notar a diferença entre a retificada e a nova – mostrava a peça como se mostram filhos, saídos daquelas gordas que ele comia, ávido de carne.

Sara olhou para os olhos claros do Chico Buarque, o fundo azul do maço de maconha – terá fumado outro cigarro antes de recomeçar.

Vai ver é culpa dos mangás, dos animes, dos vídeo-games japoneses... Mas, se me lembro bem, em O Senhor Embaixador, do Érico Veríssimo, uma das personagens desiste do suicídio após o devaneio pedófilo-voyerista com meninas vestidas de colegial. Lembro-me das descrições das saias, das meias, dos sapatos... Vestidas como as meninas japonesas em Tóquio do século XXI; uma medusa de cabelos vermelhos, de trajes de couro vermelho, feito Vampirella. Você está pronto para amar Casimiro de Abreu e a cabocla Tereza, ou a cachorra Baleia vai engolir você na próxima curva? Ou, quem sabe o corvo, na próxima cova; a coruja, na próxima gruta; o tigre, agora? Em 2006, no segundo semestre, ficou pronto, no Instituto de Física da Universidade de São Paulo, o detector de ondas gravitacionais Mário Schenberg, o primeiro da América Latina; com ele, cientistas brasileiros entraram na era da astronomia gravitacional.

Quando Klaw, o Senhor do Som, mergulha em sua máquina de transformar som em matéria sólida, ele se torna o Senhor do Som, o mecanismo que surge em sua mão amputada e ele são a mesma máquina. Tudo se passa na África, nas aventuras do Quarteto Fantástico, de Stan Lee e Jack Kirby; uma concepção concretista do inimigo capaz de manipu-

lar som e sentido na matéria plástica, o Senhor do Som lida com as formas da substância verbivocovisual na década de sessenta, do século XX. O que aconteceria ao cientista exposto às ondas gravitacionais do detector de gravitrons? Qual o seu sentido, depois do Raio Negro e de Mirza, a Mulher Vampira? Qual será o inimigo da ciência?

Sara, de longe, observa o trio masculino. Às vezes, faz escambos com o Carioca de peças antigas, vamos recuperar dínamos e alternadores, Sara não sabe muita coisa de parte elétrica.

CRASH, Sara, no Opala verde-escuro, somente a casca, tem somente algumas cicatrizes nas pernas e na testa, são os acidentes de carro. Estranhos prazeres e você ainda se lembra de quando vendia bala no farol de trânsito e via os automóveis a passar raspando. Isso até os seios brotarem por baixo do vestido, o vento da cidade vai levantar as saias e mostrar entradas e saídas, entradas e bandeiras.

Para comprovar as idéias de Einstein na busca das ondas gravitacionais, na busca da libido enquanto fluido, não mais mero conceito, o aparelho é formado por uma antena esférica, de seis toneladas de cobre com 6% de alumínio, um abalo gravitacional causa uma vibração de 1 milésimo do diâmetro de um próton, por isso o sensor é tão sensível. Dru-

silla na vida de Sara seria o mesmo tipo de abalo; um momento pleno de amor entre mulheres, todo mundo sabe das duas; Sara beija Drusilla na boca na frente de qualquer um, mas não deixa de ser uma relação estranha.

Sara tem vergonha de Drusilla; mesmo assim, fica com ela.

Antes de conhecer Sara, Drusilla estudava na Universidade de São Paulo; interessou-se pela língua portuguesa no Timor, procurou pela literatura do Timor em língua portuguesa; Drusilla e sua singularidade, talvez merecesse os maus tratos dispensados por Sara. Mereceria atenção nos vestígios da beleza bruta, incapaz de ser transformada além do que já havia sido; a promessa de Drusilla mais bonita, só isso, e talvez Sara a espezinhasse por esses motivos, tão estimulada como decepcionada com a incompletude da amiga, namorada, quase escrava.

Sara morria de vergonha das roupas que Drusilla usava, das que não usava... Enquanto fazia seus estudos, Drusilla morava com a avó, às beiras do planeta Lua e das trevas. Casa velha, fodida, precisava de cuidados que ninguém tinha coragem de dar. Não fosse Drusilla e as namoradas, que vez ou outra eram levadas para o quarto, seria o massacre da serra elétrica, o tio maluco, a velha quase morta;

Drusilla foi ficando sem trabalho, sem trabalho, sem nada... É como descrever um ato de barbárie.

Quando Sara a reencontrou, as coisas haviam mudado bastante. Quem estava no carro era Sara, no Opala verde-musgo todo batido por fora, cheio de cicatrizes – se alguém batia em Sara na rua, ela gostava, era mais um estrago na lataria verde e vermelha de ferrugem. Passou desatenta, mas pensou ter visto Drusilla no farol; quando deu a volta na quadra, era Drusilla, mais velha e mais acabada; vendia incenso no farol de trânsito, vários motoristas e motoboys passavam zoando com ela.

Os cabelos compridos e desalinhados no laço de elástico frouxo caíam sobre a testa ao sabor do vento dos carros e da tarde; a saia indiana cor de cinza, suja e cor de cinza, descia só até a metade das canelas finas, começa meio frouxa, abaixo do ventre, a camiseta cavada seria dada – algum número menor, aperta os peitos grandes de Drusilla sem sutiã, aperta as costelas e a barriga, sem elegância – os pés sujos e descalços e ela havia se tornado mendiga.

Isso e os óculos inúteis.

Antes de completar a terceira volta no quarteirão, não decidira ainda se atropelava; Drusilla, ainda confusa com o Opala na direção da vítima, mal viu

quando Sara escancarou a porta, no meio do cruzamento, e ordenou entra.

O acaso e a gravidade lançaram Drusilla de encontro a Sara. Parecia sudra, pisando no chão descalça; seria quase Bhuda, o avatar mentiroso de Vishnu na Idade do Ferro, atropelada pela vestal ao inverso. Rude, Sara foi imperativa desde o início; maltratar o gato, dar a forca a ele e seu pescoço, ver o fantasma estampado no eterno retorno do gato preto de rua enforcado – ver Drusilla e não pensar no gato, na gata... Ninguém vai sentir falta dela mesmo.

Sara, praticamente, raptou Drusilla, sem resgate, sem ninguém, somente sua alma budista e por permissividade.

Naqueles dias, Sara morava com Ana Luísa numa casa com quintal grande, que dava nos fundos de uma oficina mecânica, para lá de Parelheiros; às vezes dormiam juntas, às vezes não dormiam, Sara levou a presa para casa – Ana Luísa não estava em casa naqueles dias quando Drusilla chegou.

Mesmo à distância, observando a amiga fora de foco, Sara apreciaria a vergonha que sentia dela, só para se vingar depois, forjando motivos? Uma causa secreta atravessa o coração de Sara no meio do século XXI; a ferida e o sopro, o rouxinol e a

imperatriz, Sara mora com Drusilla em um dos prédios que cercam a Praça Roosevelt, por cima dos teatros.

O prédio fica em frente à estátua do poeta Marcelo Montenegro – era ao redor dela que Drusilla se distraía com os moleques da rua, observada pela namorada chapada – repara, como nos versos do poeta, Sara está sempre aprimorando a tara; Drusilla, tremendo a foto; Ana Luísa, guardando a tralha; eu sou o deus maluco, embaralhando as cartas.

Já não parecia tanto uma mendiga; Drusilla perde tempo com os meninos enquanto é mirada por eles de paus duros, Sara via de longe o que a amiga mal via, metida na saia indiana cor de rosa, nas mesmas blusinhas, sem sutiã, descalça, cheia de pulseiras e anéis vagabundos nos dedos das mãos e dos pés – hoje, trazia várias fitas amarradas no tornozelo.

Drusilla veio em direção a Sara sem se desviar das poças d'água da chuva da madrugada; no olhar da estátua, o mesmo olhar embriagado do Marcelo Montenegro quando vivo, centelha que vira incêndio, feito lona de circo, o urro permanente, guardado na boca do tapete de tigre. Fica o olhar do poeta feito estátua, transita pelas coisas banais, não perdoa

a bunda de Drusilla sem calcinha, rebolando por baixo da saia cor de rosa.

Enquanto isso, ali na praça, a luz do dia nublado coopera com o fotômetro, o clima, a trilha sonora; Valquíria também coopera, o cabelo vermelho, cintura fina, o nariz pontudo feito o pássaro mágico de Vishnu; as calças justas, a blusa justa, tudo justo. Poderia ser um filme de terror, digno de Monteiro Lobato e do Minotauro, comedor de gente – nada de tão imediato na moça, como são os retratos de Jesus, varado de espinhos, que enfeitavam as casas de nossas avós. Riverão Sussuarana faria o papel de Monteiro Lobato no filme, há algo de *Finis Hominis* na roupa grudada no corpo de Valquíria.

Hard Krishna

para o Joca Terron

No Largo de São Bento, a Catedral assoma como se fosse um livro. Até que meu corpo era um corpo legal – meditava Sara, nas escadarias do templo –

não era

mau

Drusilla era pouco menor que Sara – enquanto subia na frente, Sara pareceria bem mais alta. A Arte da Fuga se fazia ouvir desde a escadaria; o órgão soava pelos mistérios da catedral, pelas colunas, pelos santos ao longo do caminho do altar, como testemunhas. Seriam ouvintes, nenhum deles é capaz de perdoar Ana Luísa com seu olho azul e seu olho verde, um de cada cor – a dama de duas cabeças, cada lado vai te tratar diferentemente, ninguém sabe, com certeza, o que ela diz. Os cabelos tão encaçolados como os de Sara, mas loiros; Ana Luísa é

sempre o ano novo enquanto Sara é o fim. Passou a mão pelos cabelos pretos – quem viu a nuca, entre as raízes de Sara e as unhas² – as três meninas de unhas curtas – as três porque eram lésbicas, Ana Luísa, para tocar os teclados do órgão.

Também havia os carros, os desmanches, os cemitérios de automóveis... Sara procurando sempre se adiantar para que não percebessem que Drusilla lhe acompanhava; Drusilla resignada, de olhos glaucos por baixo dos óculos, ficaria quase cega sem eles. Sara caminha feito soldado da Segunda Guerra Mundial, chutando as latas e os panacas que por ventura cruzassem seus caminhos; conduzia a amiga como se fosse capitã do mato, voltando da caçada, a caça segue pelos caminhos mais difíceis, feitos de propósito. A tarde nublada, deixando sua casa sossegada, Sara chegou na Catedral do Largo.

– Vai se distrair por aí, Drusilla – ordena Sara, indicando com os lábios que a queria longe de si – quem sabe alguém te dá alguns trocados.

No andar de cima, Ana Luísa não pensa em mudar de compositor, qualquer música tocada em órgão de tubos parece música sacra. De olhos fechados, mesmo assim percebeu o tom da antiga namorada dentro da catedral; terminou a peça, em sinal de respeito deu início a sua própria transcrição

para órgão da ária d'A Paixão segundo São Mateus, de J. S. Bach, aquela em que Pedro, depois de negar o Cristo três vezes, chora amargamente. Na versão original, a voz de contralto, acompanhada pelo violino, exprimiria a dor do discípulo.

– Como vai sua piedade, Sara?

A mocinha, tomada de surpresa, não conseguiu explicar como o professor de música de Ana Luísa descera do mezanino e chegara até ela. Se fosse cobra, Sara, com certeza teria te machucado.

– Venha comigo, daqui a pouco começa o Ofício e terei de cantar. Espero que não tenha vindo roubar nossa organista.

A serpente não faria tanto sentido para Sara. Se nos tempos das cavernas, o sujeito e o objeto ainda não haviam se separado, como haveria sentido? Para entender os pressupostos da dialética, deve-se pensar como o Homem de Neanderthal; o supra-sumo da dialética deve estar nos gorilas, nos chimpanzés, nos orangotangos cor de laranja. Não há sentido sem direção, nem direção sem diferença; o conhecimento se dá pela diferença, afirmava o beneditino como se fosse Sócrates, como se Sara fosse Teeteto. O professor de Ana Luísa lembrava ligeiramente o Homem de Lata, do Mágico de Oz; de baixo da batina, Sara imaginava o corpo do padre,

todo tatuado com letras gregas, latinas, árabes, hebraicas.

– Você poderia ter sido cantora, Sara.

Em frente à sacristia, por cima da porta de madeira, imensa, havia a figura do arcanjo com armadura medieval, escudo, espada – o rosto do arcanjo era tão bonito que parecia rosto de mulher. Sara se queda olhando para ele como quem admira o amor impossível; com o destino da Lua, a imagem do anjo não brilharia só para ela; mesmo que o tivesse, não seria dela. Mas poderia se deixar engravidar pelo arcanjo de armadura dura, saberia como conhecer os anjos.

Tem piedade, meu Deus... Vê o meu pranto... Olha bem, com o coração e os olhos... Quantos cortes o arcanjo teria no corpo? Quantas marcas de lança, espada, maça? Como seria, sem tantos ferros ao redor de si? Sara acompanha o professor de órgão ao longo do corredor principal do templo; o caminho do T sobre a cruz é guardado por homens de madeira, cada santo segura o instrumento sob o qual padeceu por suas escolhas. Cada santo, um Pinnocchio gigante; mais mirra e a catedral vira terreiro de macumba, os seios de Nossa Senhora da Conceição ficariam mais azuis.

O moço da armadura se perde nas pernas de Sara, seus olhos seriam olhos de raios X a examinar as pernas finas e musculosas, treinadas nos faróis de trânsito. Ao mesmo tempo, contraria as leis da gravidade, poderia elevar Sara aos céus, em carne e osso, no mistério glorioso digno de Maria. Antes que Ana Luísa tocasse temas de Jan Hammer – Lungs / Red and Orange – Sara caminha ao lado do sacerdote, atravessa a igreja ao meio, como nos casamentos. A modernidade começa com Jack Estripador, dele derivará os raios X, os raios gama, o Hulk; não fosse o cérebro magnético do padre robô, por baixo do capuz beneditino, talvez Sara seria cortada como Annie Chapman fora.

Admirar as leis da matemática, como Isidore Ducasse, como Descartes; há também a floresta escura, a menininha vítima, o estupro, o mato, o crime. Tudo neobarroco, como no melhor romantismo; a cabeça do padre parecia redonda demais, brilhante demais – não como o diamante brilha, dentro do chocolate, mas como brilha o aço, cor de grafite. Sara se dá conta de que não se lembrava dele, de que, talvez, nunca tivesse visto seu rosto. Sempre enclausurado dentro da batina, dentro do capuz escuro; somente a voz, que parecia suave, certa, encantadora. E vinha do fundo da alma, com

suas lições de música; vinha do fundo escuro do capuz, onde era mais uma sombra a esconder rosto.

– Você soube o que aconteceu ontem, durante a chuva da noite? – perguntou o padre.

Sara disfarçou a boa nova, precisava disfarçar a análise dos resultados perante o professor de música.

– Aconteceu tanta coisa...

– Me esqueci de que você não lê jornais. Morreu mais uma atriz, você deve conhecer de vista.

Era outra coisa.

Era outra coisa de que se tratava.

Um segundo crime, dessa vez, outra mocinha.

– Não parece crime, parece mais uma análise. Você não acha? – interrompeu o sacerdote.

– Parece que alguém não gosta de teatro.

Sara não mora na filosofia, por isso, desliza intacta na conversa fácil do padre, finge que escuta, se perde na fumaça neblina dentro da cabeça. Cada curva, uma sentença aberta, esperava arrancar as confissões de Sara semeando palavras no mesmo campo semântico como se fosse grama, como se fosse mato, como se Sara fosse tola o bastante.

– Não era sua vizinha?

Sara... Lembranças dos papéis de bala, as balas de goma...

– A mocinha morta do teatro...

Duas mortes na mesma madrugada nos arredores do prédio onde Sara e Drusilla moravam, por cima dos teatros da Praça Roosevelt.

– Só falam da menina. Uma mocinha nova, bonita, vi várias vezes atuando nua. Alguém como ela morre e é preciso dar um sentido para tudo isso.

Sara só fora em busca de Ana Luísa. A ex-namorada viciada em música observava a amiga desde cima, como se fosse Deus? Por trás do Cristo, há as pré-figurações de Maria em oito selos, quatro de cada lado; Ana Luísa era admirada por Eva, Rute, Judite, Rebeca... Entre as meias pretas, na altura do calcanhar, e a calça de pano cor de cinza, bem justinha nas pernas duras de Ana Luísa, nasciam pêlos fracos e loiros; camiseta branca dobrada nos pulsos, nada vai atrapalhar a organista movimentando o padre, Sara e as outras Marias.

– Sua amiga deveria se dedicar somente à música... Por que essa história das meninas não te comove?

Sara, se estivesse sozinha, provocaria os santos de madeira.

– Uma delas se confessava comigo.

Ela e a outra? Perguntaria Sara, chapada de incenso e mirra.

– E a Ana?

– Quem?

– Sua aluna de música. Ela te contou alguma coisa?

– Ana Luísa não é católica, ela não se confessa. Se confessasse, não seria segredo; se fosse confissão, eu não poderia te contar.

Quem eram aqueles homens, que analisavam Sara desde cima? Não há nada lá, mas mesmo assim ela ficava confusa, imaginando coisas. Ana Luísa fazia pouco caso de Sara, dizia que seu professor lhe mostrara os segredos das músicas e das catedrais, enquanto Sara não sabia de nada; argumentava que São Bento fora, na verdade, druida, que carregava o archote na mão e o gancho na outra – o gancho para rasgar você, como se fosse um demônio sadomasoquista. Sob o altar do Cristo, no subsolo da igreja, há um tronco de carvalho; Sara se imagina vítima de sacrifícios sangrentos, capazes de rasgar a pele e desmembrar o corpo em mil pedaços; amarrada nua ao tronco de São Bento, ela se debatia com violência e cólera. A radiografia, para mostrar o ser humano por dentro, os ossos brancos contra o fundo negro, sem alma; do mesmo modo que o assassino serial mata as atrizes – da primeira ele cortou os ge-

nitais e a garganta; da segunda, cortou a garganta e retirou os intestinos.

Onde está sua alma, Sara? Ana Luísa tocava de olhos fechados; as meias pretas passavam pelos pedais, os dedos das mãos lembravam a ex-namorada, sempre técnica – exibia seu virtuosismo quando sentiu Sara parada, no meio das ondas de som.

– Mesmo se eu fosse cega, qual Glauco Matto-
so, sentiria você a distância.

– Estou suja?

– Só moralmente, Sara. Há tanta fumaça nos seus cabelos que você se tornou uma planta de maconha.

Sara a espreita, mesmo assim não sabe onde se encontra o professor de música. O que é remissão aqui, além dos santos e dos crimes, além de Sara e do amor entre as mulheres?

– O professor de chumbo vazou, Sara, ele voltou mancando para a sacristia.

– Esse seu professor vem sempre com conversa pra cima de mim.

– Você entrou na rede hoje?

Ana Luísa sabia que não.

São Paulo está em transe, há um século fazendo diferença entre o estripador de Londres e o da Praça Roosevelt. Os olhos coloridos da organista

pareciam chorar diante de Sara, amargamente, enquanto a boca sorria estridente.

Flash Beque

Sara, quase de braços dados com Ana Luísa, saiu da catedral. Dentro do Opala verde-charuto, enrolava outro, olhava para Ana, que dirigia, cabelo ao vento pelo vidro aberto, pensava em se arrepende de haver trazido Drusilla no banco de trás.

Por que pegar Drusilla no Largo? A caminho da Marginal Pinheiros, Ana dava voltas nas ruas do centro para perder tempo, só queria chegar na Marginal quando Sara tivesse acendido o fumo, para dirigir bem louca.

A caminho da funilaria, a paisagem parecia andar ao contrário. Drusilla seguia quieta, mas paravam nela as lembranças de Sara enquanto passava a bola adiante. Naquela tarde, quase no fim, Sara resolveu voltar outra vez naquela esquina, em que vendia bala no farol de trânsito, ainda mocinha. Passara desatenta, pensa ver Drusilla no farol; faz o

retorno, era ela mesma, mais velha e mais acabada; Drusilla, incenso no farol de trânsito, vários motoristas e motoboys zoando com ela. Os cabelos longos e despenteados no laço de elástico frouxo caíram sobre a testa; a saia indiana cor de cinza, suja e cor de cinza – só descia até metade das canelas finas, começava meio frouxa, abaixo do ventre – a camiseta cavada seria dada, algum número menor, apertava os peitos grandes de Drusilla sem sutiã – apertava as costelas e a barriga, sem elegância; os pés sujos e descalços, toda mendiga.

Sara no espelho – no passado fora ela parada por Drusilla, que vinha a pé, parou para comprar balas de goma. Estudante de Letras, nem morena, nem loira, Drusilla quis comprar balas e conversar com Sara, ainda mocinha. Falou do Timor, de madre Tereza, encheu a cabeça de Sara com bobagens; o que teria acontecido para que terminasse assim? Não aconteceu nada, por isso aconteceu; Drusilla não sabia fazer nada, nem o que sabia fazer, não sabia como. Quando a avó morreu, estava desempregada havia algum tempo; sem a velha, o pouco dinheiro que lhe servia de ganho se foi; em pouco tempo apareceram todos os parentes, a cada um deles caberia partes do espólio da velha aposentada.

Drusilla ainda resistiu; em péssimo estado de conservação, a família resolveu dispor da casa, do terreno, do tio. Com vinte e seis anos, Drusilla estava fora do espólio – coube a ela, da casa, as portas da rua. Dormiu por aí; certas noites com alguns amigos, outras, com ex-namoradas; os amigos acabaram e Drusilla foi dormir nas praças, rodoviárias, igrejas...

– Há quanto tempo você não troca as pastilhas de freio desse carro? – perguntou Ana Luísa chapa-da.

– Há muito tempo... – respondia Sara, pensativa.

Drusilla balança ao sabor das pastilhas; ia de lá para cá, solta no banco de trás. As roupas iam rasgadas, um dia um dos sapatos caiu arreventado, Drusilla se livrou do outro, já bem aos pedaços. Quando colocou as plantas dos pés no chão sujo e quente das calçadas, Drusilla não era mais nada. Mendiga, suja, descalça, com mais de vinte e poucos anos, Drusilla não seria mais uma menor de rua, parecia mais uma vagabunda, nem puta ela parecia. Quando foi puxada para dentro do carro-verde-bem-escuro, reconheceu Sara de cabelos longos, não sabia o que fazer com os incensos não vendidos

na mão, um deles pateticamente aceso – odor de mirra, como nos presépios.

Reduziu a marcha, como nos seqüestros, arancou para bem longe dali. Foi dar na Marginal Pinheiros, como agora, sentido contrário aos dos ponteiros dos relógios. Quando chegaram na oficina mecânica, Drusilla chegou calada, Sara foi abrir a porta de aço, que se enrolava para cima feito papiro. Enrolou o suficiente para passar o carro, tão logo entrou, cerrou a porta novamente, para que não lhe fossem incomodar. Drusilla desceu atrás, pisando nas poças de óleo e graxa espalhadas no chão, no meio de porcas, parafusos, limalhas de ferro.

Atrás da oficina, havia a casa em que Sara morava com Ana Luísa, antes de se mudar para a Praça. A oficina era larga, comprida, alta; construção vazia, apenas para cobertura, como nos projetos de Vilanova Artigas. Nos fundos, além do quintal descoberto, estava a casa de dois andares; tudo no meio do mato, parecia oficina de desmanche, escondida longe da polícia.

A mirra se fora, Sara fez com que Drusilla a seguisse até o andar de cima, onde ficava sua casa, mas não entrou. A escada corria rente à parede, dava no corredor estreito, de cada lado dele, uma porta; uma dava para a casa, outra, para o quarto menor

e vazio, cheio de tacos de madeira sujos e soltos pelo chão. No quarto menor e vazio, Sara disse a Drusilla que ficasse ali.

– Você quer ficar?

Drusilla olhava para Sara sem saber o que queria. Quase levada à força, mal saberia como fugir, tão isolada; mas isso não importa, Drusilla não tinha para onde ir, não sabia mais o que fazer com sua liberdade. Sara ainda era lembrança de conversas antigas, devagar foi se acostumando e reconhecendo, na moça, a menina das balas. Consentiu parada, Sara disse para que não saísse dali, que ia buscar uma coisa, se ela quisesse sinceramente ficar.

Drusilla arriscou abrir a única janela. Ao afastar as folhas de vidro e quadrados de papelão, afastou as folhas de aço, deu com as grades, só assim pode distinguir o pátio, o mato, algumas casinhas lá longe; tudo nasceu quadrado para Drusilla ver.

Ainda olhava, perdida no espaço, quando Sara voltou; Sara chegou por trás, encontrou a outra admirando o nada, estava com os braços estendidos ao longo do corpo. Drusilla sentiu a força da moça mais alta na altura dos ombros, não saberia nunca como reagir a ela, que descia através dos braços e agora lhe segura os pulsos, prendendo os braços atrás do corpo.

Drusilla não esperava pelo aço frio, os cliks, as algemas, que Sara usara para lhe prender. Meio mansa, meio boba, ainda se virou, deu com os seios duros e pontudos de Sara dentro do sutiã, sob a camiseta. Uns fios de cabelo caíram sobre os olhos, Drusilla não pode se livrar deles.

– Você me algemou...

– É porque não confio em você. Se quiser ficar comigo, vai ter de ser assim.

– ...

– Você não passa de uma mendiga suja, que peguei na rua, que nem sei o nome – Sara sabia; Sara se lembrava, dizia aquelas coisas para desprezar Drusilla. Ninguém vai pegar as suas coisas... Que não era ladra, Drusilla disse apenas que não precisava algemar, que ficaria no quarto quieta, só de porta trancada, se Sara quisesse.

Drusilla não gritou, nem se debateu; Sara permanece calada, foi colocar agora as mãos na cintura de Drusilla, segurou o elástico da saia desbotada e frouxa e deixou Drusilla nua abaixo da cintura. Envergonhada, também não pode cobrir o rosto nem o púbis, só tentava olhar para outro lugar.

– Como você é peluda... – insistia Sara, só para constranger. Drusilla não se depilava desde que parou na rua, sorte sua seus pêlos serem finos e espar-

so nas pernas. Mas eram concentrados no púbis, feito flecha no sentido da terra, a ponta aguda indicava os pés.

Sara fez com que se sentasse. A bunda nua, Drusilla quase que se recusava a sentar daquele jeito – à força? – não disse nada, recolheu as pernas para não encostar as coxas no chão. De cócoras, feito ave, Sara aproveitou os calcanhares unidos, tinha consigo a corda de nylon para amarrar os tornozelos finos; fez o nó, para evitar que Drusilla se soltasse, derreteu as pontas esfiapadas do nylon, fundiu o nó numa única bola de plástico. Depois se afastou, foi encostar na parede e cruzou as pernas; ainda com o isqueiro acesso, acendeu o beque, hora de analisar a obra.

– Precisava de tudo isso, não bastava trancar a porta?

– Vou trancar a porta também. E você? Precisava andar tão fodida?

Sara estendeu o fumo, a programação do gesto viraria gesto de ironia. Drusilla adiantou o corpo, adiantou o queixo e os lábios para que Sara fizesse o favor; há tempos que não fumava, Drusilla ficaria chapada enquanto na cabeça de Sara acende somente uma luz.

– Não é culpa minha, aconteceu...

– Não dava nem para calçar alguma coisa, de-
pilar essas pernas, os braços, tomar banho algumas
vezes... – insistia Sara entre a atração e o desprezo –
Você sempre foi mendiga?

Disse de propósito, ainda finge que não se
lembra da estudante de Letras. Meio paranóica,
meio decepcionada, Drusilla parecia magoada com
o descaso, sentiu-se mais oprimida por estar semi-
nua e amarrada.

– Nós já nos encontramos uma vez, faz algum
tempo.

– Verdade?

Sara faria isso sempre, faria para fingir que só a
conheceu mendiga.

– Faz uns três anos, você era mais nova, não
dirigia... Foi na época em que eu ainda era estudante
de Letras.

Sara queria rir da história triste. Lembrou-se
dos projetos caridosos da estudante, lembrou-se de
que gostaria de ir ao Timor e pesquisar sua literatu-
ra. Logo Sara, que preferia os Estados Unidos à Eu-
ropa, jamais entenderia os anseios de Drusilla em
sua caridade quase kardecista. Drusilla dormiu a
noite toda acuada; no começo encolhida entre os
cantos da parede, terminou esticando as pernas,
terminou de braços no assoalho.

Dormiu com fome e alucinada; quando quis parar, Sara, insistente, fez com que fumasse tudo. Deitada no chão, sonhou que estava em Portugal, depois em Angola, Cabo Verde, Moçambique... Sonhou que vivia entre os índios brasileiros e que se vestia como Moema, na tela de Vitor Meireles. No sonho, uma voz andrógina lhe dizia:

– Os meus braços estão presos, a ninguém posso abraçar. Nem meus lábios, nem meus olhos não podem de amor falar...

As notas sentidas e maviosas daquele canto escapando pelas janelas abertas e escoando ao longe em derredor dão vontade de conhecer a sereia, que tão lindamente canta; se não é sereia, somente um anjo pode cantar assim. Mas chega a hora de acordar toda dolorida; habituada a levantar cedo para não ser chutada pelos donos das portas onde dormia na rua, Drusilla despertara cedo. Virou de lado, conseguiu se encostar novamente no canto, com as pernas encolhidas; testou as algemas, as cordas, seria impossível se soltar delas. A loucura havia passado; tentava alongar o corpo dolorido, ia até aonde as amarras deixavam.

Sara dormia, esquecida dela; quando abriu a porta do quarto, deu com Drusilla de pé, calcanha-

res juntos, apoiada na parede, buscava, nas sombras, as frestas da janela.

– Você demorou muito... Eu disse que não precisava de tudo isso...

– E você se virou como pode – ironizava Sara, de olhos vermelhos antes de tomar café – Sabe? – dizia enquanto cortava as cordas dos tornozelos com a serra de pão – Mesmo quando eu vendia bala no farol de trânsito estava sempre limpa, mesmo mexendo nos carros nunca saí por aí fedendo a graxa ou óleo de freio. Nem eu, nem minha namorada.

Sara não a liberta das algemas, ao invés disso, mostrava para Drusilla a coleira de cachorro grande, larga e de couro duro – estava sufocando; antes de prender a corrente na argola, para puxar, rasgou a camiseta trapo de Drusilla com a mesma serra e as mãos.

História d'O nos limites da cidade de São Paulo, a história de Sara e Drusilla apenas começava. Em ondas de luz, Sara conduziu a convidada ao pátio da oficina, sob o céu cinzento, pelo pescoço, desequilibrada nas algemas, parafusos e cacos de vidro aqui, ali, adiante... Drusilla viu o muro cor de cinza, coberto de fuligem e traços de tinta, de funilaria e pintura como action-painting. Pareciam muros de prisão, encimados por cacos de vidro de fun-

dos de garrafas quebradas e arame farpado retorcido em espirais, como nas galáxias, atravessados por corrente elétrica. Dois metros de muro, fixados nele havia ganchos para pendurar as peças e latarias para secar ao Sol e nos raios ultravioleta; Sara escolheu o do meio, pendurou no gancho a coleira, Drusilla tinha de ficar na ponta dos pés para respirar.

Sara sabia, Sara precisa do cano de ferro de pelo menos um metro e algum pedaço de corda; tudo à mão no ferro velho, Sara improvisou o aparato de que precisava. Fez passar a corda através do cabo, obriga Drusilla a abrir a pernas, amarrou o cano entre os tornozelos – Drusilla de pernas abertas, sufoca ainda mais – Sara, de mangueira em punho, como se segurasse uma metralhadora, dispara o tiro frio e continuo naquele dia quase frio e nublado.

O esguicho d'água fria sob pressão caiu sobre a pele arrepiada da moça, agora sufocada de frio e de água. Sara se divertia, sem descalçar as botas, dobrou as barras das calças, arregaçou as mangas para não se molhar demais. Coloca as luvas de lavar automóveis – parecia uma pesquisadora – está com o balde cheio de água, espuma, esfregou o corpo sujo de Drusilla como se fosse o capô, o pára-brisa, as portas. Sara invadiu os braços, os seios, as coxas

e as pernas abertas sem constrangimento; esfregou o rosto, que sufoca agora com sabão e espuma; outro jato d'água. A escova de plástico tem forma de peixe, o cabo era a cauda, a base das cerdas, a cabeça vista de cima – as cerdas dentes são duras, arranhavam, mas faziam cócegas, Drusilla quase ri da crueldade de Sara debaixo dos braços, ao redor das costelas, se o peixe passava entre as pernas. Se gemesse, não respirava, mal dava para respirar se continuasse calada.

Outra ducha, falta lavar os pés e as canelas sujas. Sara desatou os nós que prendiam o cano, manteve um dos tornozelos de Drusilla amarrado nas cordas – suspendeu o pé, dobrou a perna, Sara amarrou o tornozelo entre as algemas – em uma perna só, feito saci, Drusilla expunha o pé sujo para Sara e o peixe.

Quase obcecada, Sara de encontro aos pés de Drusilla, a outra não conseguia rir, reclamar, apoiar-se no pé que restava. Satisfeita, fez o mesmo com a outra perna; quando parou, buscou o cano para devolver Drusilla ao cano, depois sumiu.

Drusilla se imaginaria presa, de castigo o resto do dia, molhada no dia frio; Sara volta com tesoura e navalha, costureira e malandra, foi cortar os cachos de Drusilla. Cortou os cachos castanhos,

queimados e maltratados pelo Sol, ensaboou a cabeça quase careca de Drusilla pronta para passar a navalha.

Ela não disse nada, continua muda quando Sara algemou os pulsos para frente do corpo e prendeu as algemas junto do gancho, de onde pendia a coleira – Drusilla vai expor as costas, mãos ao alto, as pernas abertas. Espuma nas axilas, nas pernas, no púbis; Sara depilou Drusilla devagar, como se restaurasse uma estátua antiga e valiosa.

A última ducha para terminar, Sara de pé fumando mais um para se concentrar, nem se importa de molhar os coturnos nas águas frias – Drusilla tremia de frio, de medo das duchas.

– Você parece uma louca de hospício – humilhava Sara.

Parecia também uma bruxa, uma pagã, uma prisioneira política.

– Me solta, Sara – arriscou Drusilla no sufoco e na ponta dos pés – não chega de me maltratar?

– Não chega não – respondeu chapada. Busca pela fita metálica nas coisas da funilaria, cobriu a boca de Drusilla com a fita, a fita magnética deu quase duas voltas ao redor do rosto. Achou uns fios de telefone nas coisas da oficina, fez a trama deles,

Drusilla só se deu conta do que se passava quando levou a primeira chicotada e não conseguiu gritar.

A primeira de muitas e não podia se mexer, desviar, protestar, não podia nada. Sara, sádica, investia nas costas, na bunda, nas pernas; Drusilla foi ficando riscada, foi ficando vermelha, abriram cortes finos e agudos. Gemia, gemia mais, chorava de dor e Sara não se cansava.

Quando se cansou de bater, Drusilla, pronta para desmaiar suspensa, sentiu o corpo quente de Sara colado às costas rasgadas, quente de sangue e tapa. Meter-se em Drusilla, Sara havia tirado a camisa, apertava os seios com as duas mãos, apoiada na ponta do pé colocou a coxa entre as pernas abertas. A boceta quente no dia frio, Sara alcança Drusilla no tempo da brutalidade, continuou machucando seu corpo como se fosse vingança, feria como se fosse fome de verdade; mirou a artilharia pesada sobre os cumes calvos, foi à procura da vertigem abaixo do umbigo.

Sara jogava eXistenZ, acaricia a bio-porta de Drusilla úmida com os dedos, no meio dos gemidos. A mão e os cinco dedos se fecharam em punho cerrado, como feto dentro da boceta dela, Sara meio a meio no corpo do centauro.

Na entrada da oficina mecânica, Drusilla ainda permanecia calada, Sara foi abrir a porta de aço, que se enrola para cima feito cobra. Atravessaram a Marginal a toda velocidade, chapadas de vento e fumaça, imprudentes até a cidade sumir e aparecer os matos e as bandas da oficina. Sara enrolou a porta o suficiente para passar o carro, enrolou outra bomba, tão logo entraram baixou a porta novamente, para que, tão cedo, não fossem incomodadas.

Amá-la porque é nossa

Valquíria lembrava versos de canções antigas enquanto arrumava a câmera na mão e a idéia na cabeça, depois de fumar. Fumou do mesmo fumo de todas as meninas, queria que algum verso de Castro Alves aparecesse no filme, não precisava ser de Sousândrade. A pessoa ilustre, tomada de frente, Valquíria é um projeto nacional em andamento no meio da fumaça; Valquíria figurativiza o simbolismo do corpo humano entre o vermelho e o verde, o cabelo e as folhas, alcança a cabeça com as plantas dos pés quando se deita de bruços.

Há clima de morte no ar, a atriz assassinada, nada como filmes de monstros para falar das mortes das mocinhas e do estripador. De passagem pelo bar, Punha e Zé Porréia; do lado deles, daqui a pouco chega o Palhaço Mete Medo – o palhaço aposentado por invalidez para garantir os suspeitos. A boca

curvada nas bocas da tragédia grega, Mete Medo parece o palhaço da Betty Boop, com cara de glande e a boca triste; mesmo sem maquiagem, cara de pinto triste.

– Palhaço filho da puta!...

No começo, Mete Medo não era assim, ficou assim no picadeiro de um circo. Nasceu artista, foi cantor, quase cantava a Tosca e a Força do Destino; uma vez, enquanto estava se divertindo, animando as criancinhas, ouviu da arquibancada o mote maldito, palhaço filho da puta:

– Vai tomá no cu, seu palhaço filho da puta!

O bêbado anônimo na arquibancada xingava o palhaço; palhaço desgraçado... Filho da puta... Palhaço filho da puta, vai tomar no cu, seu palhaço filho da puta. O picadeiro não cai, o circo não pega fogo, o palhaço não é ladrão de mulher, é só um palhaço desgraçado, um palhaço filho da puta, vai tomar no cu seu palhaço filho da puta.

A lágrima no olho, o enjôo na boca do estômago, na boca da cara pintada, apenas exclamou “você está desiludindo as criancinhas...” As mãos em delirium tremens, o sapato comprido e o palhaço em L tomba largado no chão do picadeiro do circo; antes de cair, entortou a boca, o derrame dei-

xou a boca do palhaço torta para baixo, feito arco-íris.

Desfigurado pelo desgosto, mesmo assim voltou a pedir emprego no circo em que sofrera o derrame. O dono riu na cara dele – como se fosse o dono do Pinocchio – com essa boca torta você parece o Homem que Ri; você parece mesmo é o palhaço Mete Medo.

– Palhaço filho da puta! – agora é o Zé Porréia quem grita, zombando do palhaço inválido.

Mete Medo engole na garganta seca, vai pedir o copo de leite no balcão do bar. Queria evitar, mas não há outra companhia ali além do Punha e do Zé Porréia.

– Eu tenho um plano, Punha...

– Hum!

– Um plano infalível...

O conto na lembrança... Antes de partir, o Carioca mandava mais uma. Ontem mesmo, estava com os mecânicos na porta da oficina, sentados de cócoras, vendo as mocinhas passarem lentas.

– ... e um cara dizia, todo machão, que quando tá sem dinheiro vai nas esquinas e come alguns viados em troca de umas notas. Falava todo putão, falava que comia os caras, que comia as bichas... Então eu derrubei o bocão e mandei: se tu come as

bichas, é porque é bicha também!... O cara ficou puto, queria me matar.

– Pois eu acho que o cara queria era te comer – mandara o Zé Porréia calmo, antes do Carioca sumir.

Deu tratos à bola... Não era punguista, não sabia jogar sinuca, não era separatista, mas era mais inteligente que o Punha. Em câmera lenta, Valquíria medita no Uivo, do Allen Ginsberg, e que Um lance de dados jamais abolirá o acaso.

Quem nasce até então no ferro velho, nos escombros?

Qual sutra que se faz agora?

O tempo do lumpen é diferente... A terra é do povo, como o céu é do condor... a história cercaria Valquíria como se ela fosse a discípula predileta, a parceira mais querida. Estava ali de passagem, antes de dirigir a primeira cena do filme, a matéria produziu uma paixão sem igual, que se originou de algo contrário à natureza. A partir daí, todo o corpo se desequilibra, tende coragem e, se desanimado, procura força na presença das diferentes manifestações da natureza. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça; quem tiver olhos, que veja as pernas em V de Valquíria, em posição de sentido.

Quando a alma venceu a terceira potência, subiu e viu a quarta potência, que assumiu sete formas. A primeira forma, trevas; a segunda, desejo; a terceira, ignorância; a quarta é a comoção da morte; a quinta é o reino da carne; a sexta é a vã sabedoria da carne; a sétima, a sabedoria irada. Essas são as sete potências da ira; elas perguntaram à alma: “De onde vens, devoradora de homens, ou aonde vais, conquistadora do espaço?”. A alma respondeu, dizendo: “O que me subjugava foi eliminado e o que me fazia voltar foi derrotado..., e meu desejo foi consumido e a ignorância morreu. Num mundo fui libertada de outro mundo e também dos grilhões do esquecimento, que são transitórios. Daqui em diante, alcançarei em silêncio o final da eternidade, do tempo propício, do reino eterno”.

Há um código em tudo isso, às vezes mais elaborado que a Santa Ceia. A descida aos Infernos que já é subida – um adeus para Judas, Brutus e Cássio, torturados por Lúcifer pessoalmente. Estender para trás o olhar tremendo, Lúcifer crendo ver como deixado, mas enxergá-lo posto inversamente. Névoa, como em sonho, torna grande cada diminutivo, faz o óbvio, estranho, até que nós mesmos viremos mundos, magicamente.

Valquíria olhou os malandros bebendo nos botecos e detestou aquilo que viu. Antes, havia uma menina bonita ali no meio, que já foi embora sem dar conversa para os desocupados.

A tabacaria da esquina vendia mais fumo que os coffee-shops de Los Angeles e Amsterdã; ali, no meio de tudo, Valquíria encontrou Mary Kelly em todo seu esplendor. O rosto redondo parecia máscara do Sol nascente cercado pelos cabelos loiros e cacheados, em alvoroço pela ventania; os lábios finos pareciam risco, os olhos redondos como o rosto e o alvoroço dos cabelos raios. Os seios cones, grandes e apertados na blusa apertada, balançavam debaixo do cachecol cor de rosa – ela toda vestida entre o verde escuro e o cinza – os quadris redondos no elástico da cintura da saia. Ela seria como elle – da língua francesa – entre as letras do inglês K e Y, uma carta programa de valorização da cultura nacional; Mary Kelley, Mary Key, Mary cor de bronze, a pele oscila do vermelho à cor de laranja.

Mary Kelly era filha do poeta Delmo Montenegro, nasceu no Recife, fazia poucos dias havia chegado de Pernambuco. Nasceu entre ele e a Susan Sontag no poema New York City Girl, entre a poesia e a dominatrix branca nova-iorquina princesa careca chinesa; fez dos teatros da Praça Roosevelt

luxo-caveira: divertissements-necropsia; fez mandíbula-bistrot: vagina – discopélvis, disclampsia, discohell. Mas o Punha e o Zé Porréia ainda estavam ali, Mary Kelly não os amaria só por isso; todavia, teve pena do palhaço Mete Medo.

Ainda menina, Sara foi uma vez na Praça Roosevelt e o Zé Porréia já andava por lá, fumando maconha e bebendo cachaça. Dizem que o Punha não era assim, foi ficando por disposição do meio. Tinha um carrinho vagabundo, fazia entregas de todo tipo de tranqueira que conseguia carregar. Um Hércules do asfalto, até que havia traços de beleza rústica na cara grande do homem.

Uma bomba armada, começou a beber para suportar o dia a dia do trânsito, dos motoboys, dos amarelinhos do DSV. O mundo passava no horizonte obtuso através dos vidros do carro, dos espelhos retrovisores e das garrafinhas de uísque; uma buzinada aqui, uma fechada ali, quase mata o filho da puta antes de engatar a marcha raspando.

Um dia pareceu pior, caiu num buraco e furou o pneu. Teve de parar, senão a borracha rasga; Punha de saco cheio debaixo da garoa, seis horas da tarde, em pleno rush do centro da cidade. Engatou o macaco debaixo do carro; engatou tão puto que a ponta de ferro da engehoca arranhou a lataria

quando subiu; esqueceu a chave de roda, teve de abaixar de novo o macaco antes de tirar o pneu furado, foi procurar a ferramenta e o estepe.

Quando voltou – as costas molhadas de chuva, como detestava isso – viu que a chave de fenda da chave de roda não entrava no espaço entre a roda e a calota. Alerta amarelo – mandou o soco no vidro, meteu o bicudo na calota, que fugiu correndo.

As pernas duras, teve de se abaixar outra vez rumo aos parafusos. Duros, apertados até a última rosca, não saíram com facilidade; usou os braços, subiu em cima, amaldiçoou a chuva e o Criador. No meio da chuva, o berro, quatro urros e os parafusos soltos – cuidado para não perder essas merdas.

O entorno, porém, continuava; Punha era só o debilóide que não encostou o carro para trocar o pneu – o único bosta era ele, debaixo das buzinas e dos enxovalhos. Alerta laranja – Punha está pronto para acionar o macaco pela segunda vez, dessa vez o macaco não entra direito; quando entra, quase que o carro cai. Seu mundo caindo junto, outro grito medonho, passou o motoboy que mandou um chute no carro frouxo.

Afinal vermelho – o alerta, o mundo, a cara do Punha – desumanizado, arremessou a ferramenta feito shuriken na direção exata. A cruz rodopiou

certeira, a ponta de fenda atravessou o capacete e se cravou no crânio do boy. Espalharam-se os miolos sobre o asfalto úmido; o sangue jorrou como duma fonte, foi atingir os pés de Sara, que assistia a tudo.

A mocinha de saia, sandálias arrastando no chão, Sara sentiu o sangue quente e gosmento entre os dedos dos pés, feito lama, sentiu as gotas vermelhas respingadas nas pernas. Um copo de sangue jogado na parede parece litros, o sangue do cara parecia um rio aberto sob a Praça Roosevelt. Desse dia em diante, Sara nunca mais pisou descalça no chão; sandálias nunca mais, só botinas e coturnos; nunca mais viu saias.

O criminoso passou um tempo sumido, quando voltou na Praça, já era o Punha. Valquíria deixou os pensamentos de lado, foi na direção dos bares e da tabacaria; nesse intervalo, Mary Kelly entra no bar de um dos teatros, Valquíria também.

Um Grupo Um, no subsolo MASP, e eu só queria escutar de novo Lelo Nazário tocando piano com o Zé Eduardo Nazário tocando bateria; como dizia Augusto de Campos, o Mario de Andrade era professor de música, mas quem sabia das coisas era o Oswald.

Valquíria abordava Mary Kelly assim:
– Você vem sempre aqui?

- Apareci agora.
- Quer ouvir Erik Satie ou Edgar Varèse?
- Vamos descer que eu te mostro.

Mary Kelly mostrava o caminho, Valquíria seguiu a moça pelas escadas escuras que davam no porão e palco do teatro.

Quase estrela

para Horácio Costa

Farol de milha no retrovisor dos caras, Ana Luísa dirigia tão acesa quanto os fios elétricos. Sara não discutia o gosto musical da amiga, ouviam John Coltrane ao vivo no Japão, tocando Afro Blues no último volume. Acenderam na hora em que o solo de piano acaba e Coltrane assume, acompanhado só do baixo e da bateria; Sara e Ana Luísa em dueto, um solo é sempre um diálogo.

Meia noite no céu, a alma aflita voa entre as nuvens ao redor da Lua Nova. A Lua Negra, o buraco negro, a rodovia escura funda o horizonte lúgubre; o carro acelera, o espaço se abre depois do pára-brisa no fluxo de Ana Luísa. Sara pula para o banco detrás, feito criança; abaixa o encosto do banco, o topo do porta-malas abre dentro do carro bomba. De lá do fundo, Sara desloca dos trilhos o

arpão armado; o aparato surge estabilizado na parte traseira do Opala verde, pronto para funcionar.

Há uma série de botões no volante ao redor da buzina, Ana Luísa aperta a letra E e a capota se dobra recolhida. O conversível verde cruza a rodovia com muito excesso de velocidade, Sara abaixa os vidros laterais para ventar bastante nos cabelos pretos e nos cabelos loiros. A música se propaga em ondas de força contra o carro da frente, o farol de milha na provocação, a buzina de caminhão misturada com apito de trem.

* * *

Antes de saírem da oficina, Sara e Ana Luísa chaparam de Vingador Tóxico – ainda ilegal no Brasil – não deixaram nada para Drusilla provar, para Drulisa só ficou a ponta do beque, um tiro de coca, a porta da cela trancada – se as duas morressem dessa vez, morreria de fome sem ninguém saber.

Começaram debochando do lumpen nos pontos de ônibus, vandalismo nos carros parados, atropelaram pelo menos três motoboys incautos, antes de chegar na rodovia. Afinal os inimigos dignos, depois de atirar alguns carros fora da estrada; a ca-

mionete branca teria tração nas quatro rodas, Ana Luísa quase sentiu o perfume de âmbar-gris saindo do escapamento duplo, feito rabo de peixe na horizontal, como nos narvais. Navio, Sara, e você já grita terra à vista, antes de lançar as farpas; as duas moças dentro do Pequod, Sara faria de bom grado a lataria do Opala de túmulo, pronto para boiar. Ana Luísa, meia noite no castelo de proa, Sara e o arpão vai aonde ela bem quiser.

Está soprando aqui, está soprando ali... Uma corcova que é como uma montanha de neve... Órgãos homólogos, os pneus da camionete branca são feitos para nadar, o pára-choque do Opala parece boca de índio botocudo.

– Não se forjou ainda o arpão capaz de fazer isso – gritaram do outro carro.

– Não foi forjado ainda! – respondia Sara – Olha, filho da puta, aqui nesta mão tenho a sua morte. Estas farpas foram temperadas com sangue e com o raio, e juro que hei de temperá-las uma terceira vez onde sente com maior força a sua vida maldita.

O asfalto marcado de ferro e borracha, a carrocéria branca se partiu em duas antes de explodir, depois da terceira capotada.

* * *

Sobre o sentido, Sara, e você não sabe mais se está no Nautilus ou no Holandês Voador. Sara no submarino – é noite no submarino – Sara é névoa nada sobre as águas, o vapor que faz nascer fantasmas solitários sopra. Só se você fosse um robô gigante, como Goldar, abrir os braços e virar foguete; assim, no meio do espaço, Sara seria princesa, seria uma constelação de fato, prevista no calendário asteca até o final dos tempos.

A maresia das drogas, depois do maremoto, a brisa. A brisa da noite macia, há no céu estrelas; sem a Lua e a nuvem para atrapalhar a vista, só as estrelas, entre tantas. Ana Luísa doidinha tirou a blusa, descalçou os tênis e as meias, subiu no capo do Opala-escuro antes de tirar as calças e pousar a bunda nua sobre a lataria morna, ao som das brisas e da ventoinha. O carro parado longe da rodovia, embrenharam-se na estrada de terra para dar no campo, em pleno vale aberto; Sara transpira, o colo e os peitos iam e vinham, mesmo assim só tirou a blusa e arregaçou as barras das calças até os joelhos, subiu marchando na tampa do motor.

– Você não tira esses coturnos nunca? – comenta Ana Luisa. Dobrou-se para dar espaço à a-

miga, abraçou as pernas dobradas, roçava no motor ameno; se vale dos cabelos soltos para esconder da brisa, enrolar o beque, acender a brasa.

– São meus coturnos do exército revolucionário.

– Você é uma mina tão complicada... Ainda bem que não te namoro mais.

– Namora sim... Namora não...

– Agora me lembro! – disse passando a droga – acho que você tinha os dedos tortos!

– Não tinha não... – o não termina na boca, como se fosse beijo.

* * *

– Se prestasse mais atenção nas coisas – disse Ana Luísa, deitada de costas no capo – o céu de São Paulo seria diferente, teria muito para te contar.

Perto de você não tem nem taça nem ave, o meio da constelação de baixo é sua boceta virgem, e as outras duas são seus peitos grandes. Depois são seus braços compridos, feito hidra, sua boca reta entre duas estrelas, a cara de vela com chapéu de barco.

Uma super nova no chapéu de couro, da sua cabeça vai sair o tubarão voador... Sara está no céu...

A constelação de Sara toma um terço do planisfério sul, mas pelo meio das pernas abertas seguem as estrelas do pinto de boi, debaixo do braço levantado nosso carro verde também virou constelação, é quase estrela.

Do outro lado, já posso ver, no lugar dos quatro passarinhos, a meganeura – seu pau duro aponta para Sara feito cobra – na mão tem o chicote para dizer o caminho que te leva no jardim das moças. Só não se iluda demais, por trás dela se esconde a constelação da sua namorada nova; sei que é ela porque está parada de pé sobre a da vitória régia, segura os laços para te amarrar todinha.

Um das seis patas da meganeura pisa no altar, lembra o da Catedral de São Bento; o altar está cercado pela minha constelação – metade mulher, metade cabra – a cabra é a constelação do meu órgão de tubos lá da Catedral, toco toda noite só para te ver dançar. Mas também te dou as costas quando toco, não quero ver que há mais dois bichos para te comer – não sei qual é a constelação do padre, professor de música; nem sei qual te persegue, nessa noite escura.

Agora estou confusa! Acabei de ver seu coturno perdido perto do pinto de boi, isso quer dizer que você passeia no céu descalça. Parecia, até agora,

que nenhum animal ia te morder tão depressa; o seu coturno parece que vai chutar a constelação do disco voador, o resto são coisas fora da história, ainda sobra uma parte do céu para você dar nomes.

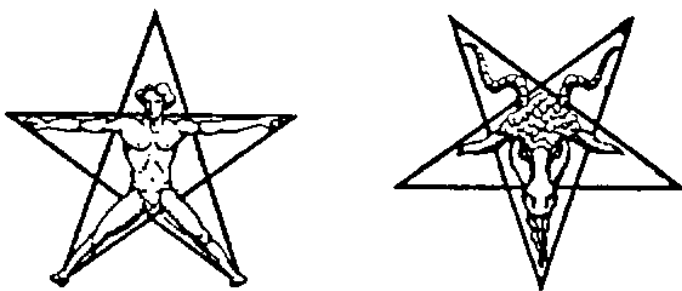
* * *

A noite e o escuro, Sara, e irmã Lua não quer que você veja tudo, por isso se escondeu; sem neblina, sem Lua, só as estrelas e o passado remoto. Toda estrela é quase, você vê aquilo que não passa nunca; há uma nave ali, em forma de charuto, em pouco tempo surge uma cidade imensa, sustentada pelos dirigíveis. O homem voa, dá o passo imenso pela humanidade; há uma cidade antiga lá no pólo norte, feita pelos astronautas de outros planetas antes dos dinossauros, antes dos mamutes e da Sara sob céu escuro sobre a face da Terra.

Lembra do que eu te disse, d'As montanhas da loucura? Pois estou bem no topo dela agora... Você sabe alguma coisa das mocinhas mortas, das atrizes? Por que três moças bonitas morreram com tanta violência? Isso não tem explicação, agora mesmo morreu a terceira; ouvi no rádio, antes de você sair. Dessa vez, cortaram a garganta dela, retiraram os intestinos, enrolaram os intestinos no pescoço, nos

ombros e no útero. Isso quer dizer que não vai parar; o céu, de repente, virou história de terror.

São três mocinhas até agora, aposto que da próxima vez vão aparecer duas atrizes mortas, as duas na mesma noite. Só assim o 3 e o 2 podem formar 5:



Lembra quando a gente pensava que as estrelas tinham pontas? Tenho certeza de que vai haver uma sexta e última vítima antes de parar; com 6 a confusão se desfaz.

Você tem idéia do tamanho dos pulsares, da velocidade com que eles giram no espaço sideral enquanto todos dormem? Os quasares têm a massa de galáxias inteiras, o tamanho do universo não passa de retórica.

A lenda da viagem noturna e ascensão de Muhammad, Sara está com sono, eu tomo sua mão,

desperto-a e peço que se levante e parta comigo. Caminhando comigo, Sara testemunha seis suplícios horríveis, que, a nossos olhos, vão-se oferecendo sucessivamente: primeiro, nós vemos homens e mulheres com as comissuras dos lábios dilaceradas; depois, outros, cujos olhos e orelhas estão pendidos; logo, umas mulheres suspensas pelos joelhos, de cabeça para baixo, com seus seios sendo picados por víboras; mais além, homens e mulheres, também pendurados, sorvem, penosamente, com seus lábios a água e o lodo da terra; um pouco mais longe, outros condenados, homens e mulheres, com o rosto para baixo, e vestidos da maneira mais repugnante e feia que se possa conceber, desprendendo um odor asquerosíssimo, como aquele emanado das latrinas; finalmente, uns cadáveres, inchados e tumefatos pela deterioração, barram-nos a caminhada.

* * *

Qual é a idade da Terra, Sara? Estudar a história só vai te mostrar como as coisas mudam, não vai te responder como as coisas são. Quase tudo passa pela gravidade, parece que a gravidade interfere mais na forma do universo conhecido do que a luz permite ver. E nessa noite turva, em nome dos do-

ces momentos do passado, antes da grande explosão e da dialética, vou te mostrar a gravidade da situação.

Bem daí, de onde você está, começa a Terra – o centro do universo – o Sistema Solar, a Via Láctea, o Aglomerado Local, o Superaglomerado de Virgem. Vista assim do alto parece que há um princípio; parece que esse princípio faz de você um anjo no seu canto; parece que há um arcanjo entre você e o princípio. Tudo perto do Vazio de Capricórnico, o mesmo nome da constelação antes de virar meu órgão de tubos e você dançar, molhando os pés no chão.

Depois eu vejo o nome das santas Dominações, o nome das santas Dominações significa a elevação espiritual livre de qualquer compromisso terreno tal como convém a uma entidade incorruptível e verdadeiramente livre, tendendo com um firme vigor para o verdadeiro princípio de toda a Dominação, recebendo dela e dos seus subordinados a medida das suas forças e semelhanças e participando do princípio constante e divino de toda a Dominação.

O Superaglomerado do Escultor, o Vazio do Escultor... Os Superaglomerados do Centauro, de Shapley, de Peixes-Perseu pronto para cortar sua

cabeça. Agora parecem suas virtudes – a pureza, a clareza, as ornamentações e como tudo deve estar adequado, apto ao momento; isso te dará poder, potência, força; atributo ou condição do que manda, impõe sua vontade.

Mas longe, bem longe de tudo, além do Superaglomerado da Baleia – que você caçava desde o começo – além das vagas galáxias do Superaglomerado da Ursa Maior e do Vazio de Bootes, as estrelas parecem batalhões notáveis por seus números de olhos e de asas. Uma têm as faces de boi, leão, águia, humana; outras têm três pares de asas, como se tivessem seis pontas; as últimas rodeiam a Deus de modo permanente e está unida a Ele constantemente, Ela está em primeiro lugar e não possui qualquer mediação.

Apocalipsis cum figuris

para Delmo Montenegro

– Você acha que o futuro é um coturno escuro pisando na cara dos culpados?

– Acho sim, acho que a maioria tem cara de bola, só serve para ser chutada.

– Iguais aqueles caras lá fora?

– Isso mesmo, tudo cara de bola... Espero que o futuro seja uma mulher chutando todos eles; uma mulher magrinha chutando homens e mulheres com caras de bola...

– Esse clik é um isqueiro?

– Foi.

– E essa brasa?

– Essa brasa é sua.

– Ouviu?...

– Ouvi sim. Agudo, bem fundo e de repente.

– O cheiro de mofo?

– Isso e o zum zum zum das moscas.

- Hummm! Que perfume bom!...
- Isso mesmo, melhor que citronela, afasta mofos e mosquitos. Você tem alguma bala?
- Tenho chiclete, mas é de melancia.
- Adoro melancia... Quem você acha que chega primeiro, Aquiles ou a tartaruga?
- Deixa eu pensar...

As duas no porão no teatro, Mary Kelly usou o zippo prateado para iluminar o final do caminho e acender o lampião de gás. Onde antes fora arena, rodeada de cadeiras e espectadores, havia agora apenas a mesa velha, coberta com a toalha vermelha e puída, e o lampião de gás, aceso depois de tanto tempo.

Nem peça de museu, nem ao menos lugar curioso, o porão fora abandonado quando o ambiente afinal floresceu. Os teatros ficaram mais bonitos quando arrumaram os jardins da praça; as duas seriam duas sementes, prontas para germinar debaixo da terra ao lado das minas de carvão e da gravidez bestial.

Fazia calor perto da mansão dos mortos, Valquíria buscou o maço de cigarros nos bolsos do casaco preto. Parecia vigia do universo dentro do casaco de lã, articula outra nebulosa no meio da fuma-

ça, observa a arte dramática da amiga no início da viagem ao centro da Terra.

No escuro, fora do alcance da lâmpada, não havia portas, a única saída seria permanecer ali. Mary Kelly se divertia com o cachecol, desdobrado era igual às redes – não de balançar e dormir, mas de pegar um peixe aqui, um passarinho ali, uma mocinha alhures; atrás do manto ela perde os contornos, vira mancha escura, só a mancha e a luz vinda do lampião.

Depois levanta os braços segurando o lenço estendido com as duas mãos, toda quadriculada, depõe o véu sobre a mesa antes de Valquíria perceber que ela já havia se livrado da blusa, da cintura acima só o sutiã vermelho. Os olhos fixos na moça do cinema, através das sombras seus olhos brilham como a pedra do meu anel, a estrela presa na aba do meu chapéu... Mary Kelly pensa em voz baixa que na arca de Noé será guardada, com a chave de São Pedro será fechada.

Apoiada na mesa para não cair, a moça se dobra sobre a cintura, desfaz laço por laço das botas de couro, trançados ao longo das pernas até os joelhos; uma perna de cada vez, debaixo da saia comprida ela se livra das meias vermelhas de lã.

A meia-calça também é vermelha, mas é transparente; Mary Kelly se afasta da mesa, suspende a saia, livra-se da meia-calça para Valquíria ficar atenta nas unhas dos pés pintadas cor de cobre, como nas mãos. Ela levanta a saia – ninguém para ver a bunda cor de bronze, lisa, perdida feito Sol durante a noite, do outro lado do planeta – o elástico da meia-calça entre os polegares e desce em zig-zag – o rebolado discreto, um pouco de cada lado.

Parada na ponta dos pés, que já pisam descalços no chão empoeirado; agachada, na ponta dos pés feito cabra, um de cada vez até estar pronta para se apoiar nos dois e levantar com o queixo empinado, o nariz empinado, os peitos empinados ainda dentro das taças do sutiã.

A saia verde solta por pouco não toca no chão, Mary Kelly toma uma das pontas dela antes de subir, a ponta presa no elástico da saia fica assim para mostrar as pernas; a brasa do beque bomba monstro tem quase a mesma a cor da moça, passa para os seus dos dedos de Valquíria.

Tudo como na Sinfonia Fantástica, de Berlioz, opus 14:

sonhos e paixões

Parecia uma jovem música, de sensibilidade doentia e imaginação ardente, fumava como se envenenasse a si mesma com ópio, num acesso de desespero amoroso. A dose de narcótico, insuficiente para provocar a morte, mergulhava Mary Kelly num profundo sono, povoado das mais estranhas visões, durante o qual, sensações, sentimentos e reminiscências se traduzem, no seu cérebro enfermiço, em pensamentos e imagens musicais. Até a mulher amada se converte numa melodia que, tal uma idéia-fixa, ela ouve e encontra por toda parte.

Caminhou descalça observando o escuro, enquanto isso Valquíria observa a observadora. Primeiro pareciam seus passos, o estalo sutil da sola do pé descalço no chão, a palma suave contra... Mas quando a viu parada, ouviu que o flap continuava.

Pode ser vazamento, os canos velhos do teatro pingando; a música como processo gradual, começa marcando o compasso tuk, tok, duk... O ritmo vira melodia; o ar e o espaço curvos são ondas acústicas e eletromagnéticas, tudo sempre se passa na velocidade da luz, falta pouco para a Música para 18 músicos, entre o ritmo, o timbre e a melodia. O passo vira fluxo, o ponto, tempo, 1 violino, 1 violoncelo,

2 clarinetes dobrando com os clarones, 4 vozes femininas, 4 pianos, 3 marimbas, 2 xilofones e metalofones, mais o maestro minimalista.

Mary Kelly devolve o fumo, ainda perguntou se Valquíria não sentia calor querendo dizer por que você não tira o casaco de couro? Ela levou as mãos aos ombros do casaco – o beque preso entre o indicador e o médio esquerdos – desceu a gola na altura dos braços, como se mostrasse os bíceps; envolta na névoa do skunk, Mary Kelly viu os seios pequenos marcados na blusa apertada, de mangas compridas. Valquíria estica a gola da blusa desde o pescoço, como se fosse goma, com a mão do beque desceu a gola para mostrar o pescoço, a nuca, o ombro, no braço do outro lado do corpo as raízes do ramo verde sobre a pele branca. Lançou os dedos, pousaram em uma das colunas para sustentar o teto, no pulso continuava o ramo para florescer na palma da mão direita, seu campo escondido e o cravo a se abrir na sua mão.

O cravo tatuado roxo, o ramo verde bem escuro, mergulhado em nanquim, as folhas e os ramos e o cravo parecem noite no porão escuro, a luz amarela do lampião parece luz de rua, deixa o contraste de cinza cor de laranja – você sabe que é verde porque sabe que é folha, mas não sabe que é ro-

xo porque não viu o cravo, mesmo se visse, não seria assim. A ramagem sai da manga, como se fosse mágica, sai do pulso, como se fosse o corte, a seiva fica na penetração do galho, que envolve a coluna, que já vira tronco na casa embaixo do chão.

O inverno frio lá fora, um jardim de inverno no subsolo da cidade grande, Valquíria fazia o jardim em crescimento, em pouco tempo já teria tomado todo o espaço, todas as colunas, segue pelo teto, acima das cabeças. As folhas que germinam ali parecem todas iguais, o processo gradual que começa marcando o compasso tuk, tok, duk...

um baile

A jovem artista reencontra sua apaixonada no meio de uma festa brilhante; a idéia fixa interrompe por pouco tempo a valsa, nela insinuando os tormentos da namorada.

Quando Valquíria devolve o skunk, a blusa havia escorrido inteira, o casaco tinha ficado por ali, no meio do caminho. Livre do cigarro, as mãos na cintura fina, desfolhou a calça apertada como se fosse papel, rasgou até parar acima do joelho, onde começa a bota e o zíper. A melodia de timbres, as

folhas mudavam de verde, entre elas folhas rubras, roxas e amareladas, as folhas secas entre ouro e prata, como no quarteto para violino, clarinete, sax tenor e piano, opus 22, de Anton Webern – o mesmo nome de Anton Phibes, que também foi músico.

O lado direito exposto para a troca, desse lado ela é coberta como Flora. As folhas de erva ramificam por todas as curvas, nas articulações dos braços e das pernas, entre erva doce e cidreira, as bolinhas de anis, os espelhos pelos diagramas no ombro, entre o braço e o ante, entre a canela e a coxa, entre aquela e o pé só dá para saber se ela descalçar as botas.

O desenho se resolve em círculo, nele se projeta a pele feito o tempo quando deforma o espaço nas ondas das estrelas, a explicação das leis da gravidade – o centro do universo coincide com o da Terra – dentro das esferas, notas, as margens circulares englobam quadrados, as margens dos quadrados são em linhas de pentagramas; a clave de sol em cada canto, setas para reger as notas e as narrativas.

A saia verde perto do casaco – Mary Kelly só de calcinha e sutiã vermelhos – Valquíria tem os mesmos ramos e esquemas tatuados no pé, a outra metade permanece sombra, próxima à platéia escura.

Metade cada uma das coisas, do outro lado do corpo fica o bestiário, nas costas e no ventre a árvore já dá estranhos frutos. O seio dos ramos é cercado deles e de folhas, no outro seio a distribuição dos bichos parece ordenada pelo diagrama música ao redor do mamilo cume – vulcânico eleva o cume calvo.

Cor de laranja lava, a mocinha de lingerie vermelha não tem nenhuma marca na pele, seu corpo tem a forma de ânfora, o de Valquíria é papel. Oh! vem, minha luneta mágica, vem! Mas para que eu te fixe somente dois minutos sobre cada objeto. E eu fixei a luneta nas flores, cujo matiz, e cujas cores variadas e belas enfeitiçaram meus olhos, fixei-a nos passarinhos, nas borboletas, nas folhas das árvores que ainda lagrimejavam gotas de orvalho e festejei todos estes tesouros da natureza, que eu via, e distinguia perfeitamente pela primeira vez. Gozei uma hora de inexplicável encantamento, gozei muito, muito; mas, preciso é confessar, os meus gozos, suavíssimos embora, foram sempre perturbados por dois sentimentos que de certo modo os deixavam incompletos. Fixando a minha luneta eu sentia logo e quase ao mesmo tempo medo e curiosidade; medo de esquecer o tempo e de chegar a visão do mal,

e curiosidade teimosa, insistente, insidiosa e cada vez mais forte dessa mesma visão.

Pouco e pouco venci o medo, medindo instintivamente os minutos; não pude, porém vencer, domar a curiosidade, que em luta aberta com a minha razão, martirizava-me, aguçando um desejo fatal.

A salamandra, o gênio, o demônio tentador estava incessantemente a me dizer ao ouvido que eu era senhor de um poder, de que nenhum outro homem, nem sábio, nem rei, podia usar e aproveitar-se, e que só a fraqueza de ânimo ou os hábitos rudes da mais triste ignorância explicariam o abandono, o sacrifício desse poder encantado que me fazia penetrar e ler no íntimo dos seres.

cena campestre

Na coxa esquerda, os cascos acima do joelho, as formas sobem por ela, ganham o quadril e parte do tronco, os traços e as linhas dos cavalos e dos cavaleiros, as lanças, a luta e a cor azul do cavaleiro azul. Muitas outras vezes, punha-se Mary Kelly a observar a mocinha e a baia, e inadvertidamente se

esquecia a ponto de compará-las, como se fossem criaturas da mesma espécie.

Pareciam-lhe mais lindas que os anelados cabelos loiros seus, as crinas azuis e crespas da baía. Era alva a menina, alva como o leite derramado em uma conchinha de nácar. Afigurava-se que seria mais sedutora nas faces e pelo colo da mulher, uma tez ardente e voluptuosa, e contudo aquela vigorosa carnação das ancas e o esgalgo dos rins, que debuxavam a estampa da baía, Mary Kelly as contemplava com deleite. Devia de ser aquele o tipo da beleza na mulher.

Mas entre as ervas havia formigas, a sombra de uma formiga é maior que a de um leão, é maior que a de um barão, é maior que a de um gigante. As trilhas atravessam a cintura sob o umbigo, as formiguinhas parecem Vs de ervas escritas com vês maiúsculos. Na parede da mesma coxa, a cigarra canta perto da boceta, antes de entrar e não vos espanta, que a cigarra canta – ou se expressa – com tanta pressa, que sempre rebenta? Ela transporta a artista apaixonada para o campo, numa noite de verão; as duas pastoras entoam uma melodia, e este dueto pastoril, o lugar, o leve sussurrar das árvores suavemente agitadas pelos gestos, e alguns motivos de

esperança que há pouco concebera, trazem às jovens uma calma desacostumada.

E se aparecesse a amada e invadissem-na dolorosos pressentimentos: se ela a enganasse? O canto da sereia cala; a cara da medusa, quando aparece, pára. No braço uma nuvem de marimbondos se espalha, faz o diagrama do seio a casa deles quando cruza o braço.

O marimbondo preto, de asas pardas, de amarelo pintado; de rabo bolado, assim matizado, voava em torno da aranha magra, tatuada na teia entre o braço e o ombro. A teia vira céu nos desenhos das costas, cobre o castelo em cima do morro – a asa esquerda – aos pés do morro há um monte de rostos sem face – feito Malevitch – e os estandartes que passam da altura do morro e do castelo.

A aranha grande, tamanha, da cor de pinhão, tartaruga ou pão de trigo da terra.

– Doeu para fazer tudo isso?

– Doeu como se fossem vespas, demoraram horas.

– Você gritou?

– Gritei muito, gritei tanto que parecia peça do Edgar Varèse, a única soprano é a sirene.

Ficou de costas para Mary Kelley, Valquíria é a nuvem nua. O crime quando vira arte entre as dez

pragas do Egito e as músicas para órgão do abominável Doutor Phibes; o estripador de Londres inaugura a modernidade junto com as vanguardas – Jack ressoará em Jackson – a democracia Norte-Americana projeta o super soldado e a Área 51. Podem ser os aliens, podem ser os demônios da noite, desde que tudo termine apenas no branding e no hexagrama.

marcha para o suplício

A bunda de Valquíria era a cara de uma gata feliz; os piercings nos lábios da boceta; os piercings, as tatuagens e as onze mil agulhas para fazer tudo isso – uma delas sonha que matara sua amada e fora condenada à morte. O cortejo a leva para o cadafalso ao som dos acordes de uma marcha, um ruído surdo de pesados passos sucede sem transição às explosões mais sonoras. Começa a marcha fundada em dois temas, um sombrio e feroz, outro brilhante e solene.

Valquíria gosta de facas, tinha uma cicatriz no ventre feita por um punhal de prata, brilhante na Lua cheia, feita por ela mesma. A ferida virava enfeite, ela e os brandings nas plantas dos pés, nos

pulsos, onde se suicida, e na nuca, debaixo dos cabelos.

Humanamente impossível de se tocar, fez as marcas com ferro todas no mesmo dia, quase na mesma hora. Deitada de bruços, entregou-se para ser queimada; fez imobilizada na cama, em forma de cruz, o corpo cruz dentro do quadrado. A alma humana como se fosse escala, cada tecla responde por uma cor pintada na tela, a pele da moça soa como sua alma e os gritos dados quando foi marcada.

Por trás de Mary Kelley, suspende seus cabelos cachos, solta o sutiã do botão de plástico, abraça a amiga pronta para lhe beijar os ombros sem alças, para encher as mãos nos seios grandes e pontudos. Um seio para cada mão primeiro, depois segura os dois enquanto a outra desce sob o umbigo, entre o umbigo e o elástico. A boceta loira explode, feita de raios e cabelos; Valquíria usa os pulsos para abrir as coxas, as pontas dos dedos para o rodopio.

Os dedos e a programação da máquina, a pianista mecânica vai teclar como se fosse Conlon Nancarrow, dez fatorial dedos para executar 12 temas ao mesmo tempo em 12 tempos distintos. A elegância das duas é tão elegante quanto a matemática; com o aparecimento da idéia fixa chega o der-

radeiro pensamento do amor, interrompido pelo golpe fatal da guilhotina.

sonho de uma noite de sabá

O Azul, o Azul se alça, se alça e quase cai; o cavalo azul no corpo de Valquíria parece que vai varar a noite afora. Mary Kelly se virou de frente, uma espelha a outra antes de colar os beijos, perder as pernas como se fosse rock, como se fosse o beijo de Deus e o Diabo na Terra do Sol, agora entre as duas mulheres.

O Agudo, o Fino assobia e penetra, mas não sai. De todos os lados ressoa, a mesa serve para Mary Kelly apoiar os braços e empinar a bunda nas pontas dos dedos dos pés, como de salto alto. Valquíria fica de joelho, as pernas no lugar da moça – diante da janela o oco escuro aquece, o eco não esquece – uma mão para cada perna, começa nos pés em parada de ponta e sobem.

Como que suspenso para sempre, Penso, Penso, Valquíria abre ainda mais os braços amplos. Amplo. Amplo.

O cabelo vermelho em desalinho cobre seu rosto como um lenço vermelho – a boceta verme-

lha, feito os cabelos – e pode ser que nada se tenha ainda movido: só você se moveu.

O sexo como metalinguagem, o para-ser da ordem do parecer, Valquíria adora chupar uma bo-ceta. O beque aceso entre os dedos, solta fumaça como dragonesa, a brasa no lugar da idade do ferro e a língua no eco escuro, à espera do verbo.

O branco salto após o branco salto, a brasa vai fazer seis marcas rubras nos quadris. E após o branco salto ainda um branco salto, e neste branco salto um branco salto, em cada branco salto um branco salto.

Acima Sun, a suavidade – Valquíria assopra para não queimar tão cedo – abaixo Li, o aderir, a brasa do cigarro acesa no bronze dos quadris.

E este é o mal, é que não vê o turvo: no turvo é que ele está.

É aí que tudo começa e se rompe.

A tarde cinzenta dos sentidos

Delatado / soneto 584

Glauco Mattoso

Atado ao pau-de-arara, o preso aguarda
que todos se acomodem. Se depara
ali o mesmo informante que o dedara.
Alguns vêm à paisana, outros de farda.

Início da sessão. Alguém não tarda
a rir do torturado, cuja cara
contorce-se em esgares. A taquara
penetra-lhe no cu, que se acovarda.

A certa altura, todos tomam parte,
tirando uma casquinha. O eletrochoque
funciona em cada mão, até que farte.

Na boca o prisioneiro sente o toque
do tênis do cagüeta, o que mais arte
revela quando um rosto chute ou soque.

O soneto anterior me veio quando, ao recolher uma série de contos e poemas para uma antologia sadomasoquista da literatura brasileira, cuidava de reler os textos do Glauco Mattoso.

Os versos causam impacto, mas não apenas porque denunciam a quase oficialização da prática da tortura no Brasil – isso já foi feito antes, e muitas vezes. Entre as melhores variações do tema, Júlio Bressane mostra a tortura em *Matou a família e foi ao cinema*, Roberto Farias, em *Pra frente, Brasil* e *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* – no último filme, o torturado não é preso político, trata-se de um suposto bandido, como parece ser o caso do delatado no soneto de Glauco.

A seu modo, o autor do *Manual do podólatra amador* redimensiona os valores da opressão e transforma a realização nefasta da tortura em prazer sadomasoquista – longe do *SM sem medo*, de Wilma Azevedo, o de Glauco Mattoso está baseado na desigualdade, se feito contra a vontade, melhor.

Complexo, o *soneto 584* exalta e mostra a exaltação da tortura; seu impacto está no prazer erótico que mitifica uma prática hedionda. O poema também me vem agora, justamente porque Sara presa aguarda, atada ao pau-de-arara; só não se depara,

ainda, com a mesma informante que a dedara; não se depara com nada.

Quase sem sentidos, não se lembraria bem, tudo indica que se aproveitaram dela bêbada e drogada. O efeito da sonolência passa, a anestesia alcoólica vira mal estar antes do pior; o mundo ao contrário, mesmo na penumbra, Sara vinha a si e a cabeça pende para baixo, o peso da cabeça e as dores nos ombros e no pescoço.

Frio nos ombros – percebe os braços descobertos – tenta se alongar inteira, mas não consegue, não consegue falar nem mexer a boca. Dentro da sonolência, parece quando se levanta zozza; parece quando percebe que ainda sonha e não consegue voltar.

Dói bastante em baixo dos joelhos, nas articulações das pernas, doem o ventre contraído e os seios apertados ao encontro das coxas. Sara pensa que flutua; os seios espremidos, o cabelo desce em linha reta solto, Sara não consegue afastar os pulsos; sente os pés acima da cabeça, parados no ar, quando mexe devagar os dedos dos pés percebe que está descalça.

Ficará aflita, toca com os dedos das mãos a corda que amarra os tornozelos – quase não alcança os peitos dos pés com as pontas dos dedos – Sara

sente com os braços as coxas nuas, com as coxas, a boceta nua e a contração do reto. Desperta lentamente, a boca morde a bola de borracha presa no rosto, a venda está tão apertada que não pode abrir os olhos, mesmo debaixo dela. As tiras de couro que prendem a bola de borracha estão apertadas também, machucam o rosto quando morde, tentando falar.

A respiração suspensa encaminha o susto, Sara acorda pelada e presa no aparelho de tortura. Cai em si pendurada de cabeça para baixo, a saliva que se forma debaixo da língua e da borracha escorre pelos cantos da boca e engasga. A mocinha geme, protesta, mas não cederia em nada; as cordas apertam os pulsos e os tornozelos, dói demais, mesmo assim resiste antes de parar. Não há como se livrar, desnuda e manietada – a exposição lhe apavora, com os pés descalços, acima da cabeça, as solas dos pés, a bunda e a boceta, a boca e o cu tão expostos contra o peito escondido; fazia da resistência que não pode dar sua utopia, exausta de estar assim.

Há quanto tempo pendia? E se a observassem, cega? Não ouvia nada, só a respiração curta, seu gemido amuado... Alguém desceu a escada de ferro, do lado de fora, cada pisada fazia a escada tremer inteira, antes de chegar. A porta de ferro corre, vol-

tou, fecha na tranca e no baque; em seguida o click, começa o ruído de luz branca acesa.

Sara termina de acordar, se debate, espera no meio do pavor e dos gestos interrompidos. Sente que se aproxima em silêncio, sem estardalhaço; sentiu a puxada nos cabelos soltos e o pescoço estendido quis resistir, mas não resistiu.

O hálito diante da cara, a voz estava diferente:
– Você é uma puta, Sara, vou foder você.

O soco seria sinal de respeito, um tapa na cara, nem tanto, foi fácil estapear Sara dependurada, a cara oferecida ao tapa.

Volta o puxão nos cabelos, Sara se agita involuntariamente; o pescoço tenso na dor dos cabelos, eriçava os dedos das mãos e dos pés.

– Tem tanta coisa que eu quero fazer com você, nem sei por onde começar.

Não ouvia por onde a outra ia, o cabelo solto e estava perdida de novo no escuro. Gemia, queria saber... Levou a primeira pancada nas costas, perto da coxa, antes que assimilasse a dor, a próxima pegou as duas coxas, antes de pegar a bunda.

Berraria muda, sem fôlego para terminar o grito; o tempo da respiração confusa apertaria os peitos, continuou apanhando nos braços, nas pernas, várias pelas costas levaram Sara ao delírio, quando

atingiu as solas dos pés, o desespero. Caiam sobre ela em descompasso, nem o giro a torturadora fazia na mesma direção.

As cordas apertariam mais; a dor era um golpe seco e duro do bastão de borracha, dobrado na pele e na musculatura, enquanto se cobria de marcas e hematomas roxos, raiados de vermelho escuro, seu sangue azul. A raiva e o vergão, Sara gritaria de ódio, o ódio cruzado com a dor em plena mente e pelo resto do corpo; crispava os dedos das mãos, dos pés, revira o pescoço sem plano de fuga.

O espancamento não parava nunca, por um momento pareceu que parava de vez. Tempo para a distensão, pensar antes do próximo grito... Voltou contundente, concentrado nas coxas juntas e na bunda, o bastão descia atravessado e pegava tudo. As listras roxas cresciam, se misturavam, sumiam no espaço machucado; a pele esticada cede no peso do corpo exausto e começa a se abrir.

A mudança de tom, Sara leva uma pancada imensa na sola do pé, tenta se proteger com o outro – a insistência mecânica faz o prazer da torturadora na série mínima que se repete – Sara alternaria os pés enlouquecida, não parava, só parou na algema de aço, presa nos hálux – os pés em paralelo, espe-

lhados nas algemas de dedo, dados como seu cu e sua cara.

Ficou pior. Parecia que o mundo caía sobre seus pés, a cada baque o corpo tentava fugir das cordas, da pele – o grito faria isso se não morresse sufocado na bola de borracha, devolvendo a dor, que se encontra na fuga seguinte, no céu de Sara e no infinito.

– Se eu pudesse, não parava nunca... – a voz vinha por trás, o cano de borracha passou de leve nos lábios da boceta, a ponta arredondada roça.

Passeia lá com se fosse um homem, Sara voltou a gritar, como se ainda doesse. Roçou como se fosse coito, Sara seca no membro invasor, o cu na ponta arredondada, foi bater ali, apertado, a ponta firme e o alvo.

A força para bater bastava, no embalo da vara e da gravidade, só não era o bastante para penetrar; Sara ardia espancada, pendurada como nos museus, a transpiração coloca o sal nos machucados; a bunda e a boceta suadas, ela brilha, o suor não umedece a vara para que doesse menos, na hora de entrar.

A raiva do fracasso pede outra série de tapas para amolecer a carne, o porrete ao longo do cu e da boceta, dividindo a bunda. Sara não escapa dessa dor imensa, não havia o gel viscoso pelo cacete –

Sara sodomizada, a tora preenche o reto, o volume do grito cresce na boca e nas borrachas.

Sara perderia o controle, a urina surge feito fonte, o olho d'água escorre pelo cu arrombado, pelas costas – faz arder os cortes – um fio d'água vai pela nuca, pelos cabelos; pelo púbis, ventre, pescoço, e pelo rosto, a urina e o choro. Brotou devagar, depois bastante, doía pelos canais por dentro e pela pele afora.

– Não vou deixar você fugir no desmaio, vaca.

Rente ao rosto, Sara sentiu um canudo em cada narina, uma de cada vez, a dose de cocaína soprada até a garganta – quase se sufoca na tosse e na mordança, Sara ligada de novo. Desatada a venda, já sabia de Drusilla; no mundo bizarro, Drusilla torturava Sara com maldade.

– Se eu tirasse sua mordança agora, mesmo assim acho que ainda zombava de mim, seu olhar drogado quer me matar.

Drusilla de camiseta cavada, por baixo, nada. Creio que se masturbava... Próxima de Sara, abriu as pernas, urinou sobre a ex-namorada como se ejaculasse nela, misturando o mixo e o gozo. Pisou na urina descalça sem se importar, atrás do pau-de-arara foi buscar a máquina ligada na tomada. Parecia um robô sinistro, atarracado, vermelho; nos pontei-

ros, olhos; nos botões, o nariz e a boca; nos cabos, braços.

Deixou a máquina de lado para que Sara visse, permaneceu de pé, seu rosto diante das solas dos pés escancarados na algema de dedo. Drusilla supôs que ela dissesse não nos amuos da boca na mordança; um dos braços cabo na mão, a mão do braço cabo era feita de fios desencapados, Drusilla enrolava os fios de cobre nos dedos dos pés de Sara.

Ela ainda os mexia, tortos de dor, Drusilla atava os fios rentes à carne, para não soltar. Sentada na máquina – a máquina entre as pernas abertas – regula a voltagem, mostrou para Sara o braço com a garra de aço dentada, parecia cabo de bateria. Drusilla prende a garra no mamilo de Sara, a mordedura na carne, a corrente elétrica através do corpo machucado e úmido; a luz acesa nos botões indica, o esqueleto de Sara brilha no escuro, a musculatura vai de encontro às cordas apertadas, para não cair.

Sara seria resistência elétrica, a lírica como resistência – a lírica, a épica e a dramática reprodutibilidade técnica da obra de arte a serviço da dor e da tortura. Seria como acender a luz, o fluxo da chicotada elétrica tem a largura do sorriso na boca de Drusilla e a intensidade do protesto quase mudo, ficaria quase humano logo na primeira vez.

Estrelas, Sara, e você já vira campo eletromagnético, abra a janela e veja o pulsar quase mudo na bola de borracha, qual satélite entre a língua e o céu da boca, quase humano. O clitóris fonte novamente, Sara deságua em transmissão elétrica antes de Drusilla soltar a garra do mamilo trêmulo.

Mas não pára. A garra solta e fechada pontua livre sobre o corpo dela, a ponta cor de prata é o condutor dos beijos e do campo elétrico, a força é a carga vezes o campo de ação de Sara diante de Drusilla e da garra. Pontua, percorre, assusta em cada choque que dá nas têmporas, nos braços, no outro mamilo enquanto Sara chora, urina, se debate nas cordas e na corrente. No meio das lágrimas não vê mais nada, só se mexe porque leva os choques; o odor de urina se mistura com o de queimado, a pele dos dedos do pé queimada na grelha dos fios entrelaçados neles.

A garra sinistra no lugar da mão, Drusilla faz parte da máquina na corrente elétrica como se fosse um cyborg, um mutante, andróide do mal e da tortura, vai levar Sara na bunda, nas coxas, sua triste figura ficará mais triste perto do cu e da boceta.

O cu arregaçado sofre nas bordas do cano de borracha dura, a musculatura tensa vibra nas voltas

de Drusilla, no contato da garra na circunferência e o delírio nas voltas e nos volts.

Entre o cu e a boceta, volts, Sara sente o contato do metal nos lábios, como outro beijo. O suor conduz, a urina conduz, o sal se espalha nos olhos e nas lágrimas, Drusilla percorre os lábios da boceta com o beijo elétrico antes de deixar a garra presa no clitóris.

– Acho que se tirar o cacete do cu você se caga toda. Mas agora não, quero você enrabada, quero sentir que a dor não passa, depois você caga – disse isso segurando os cabelos molhados para dobrar a nuca, para ver as pupilas flutuando bobas, reviradas dentro das pálpebras.

O sangue escorre dos rasgos abertos no espancamento, a pele esticada ainda rasga no limiar dos cortes, a corda rasgou até cortar os pulsos e os tornozelos no atrito dos disparos.

Outro tiro de pó através das narinas – Drusilla daria anfetamina, se soubesse como. Soube aumentar a dose no giro do botão, o ponteiro marca mais além da base, disparou o choque como disparou os tiros. O sofrimento máximo, Sara explode entre os dedos do pé e a boceta, mesmo presa na garra, urina.

Parecia já sem mordação, quem ouvisse os gritos do lado de fora pensaria porque tanto tormento, Sara, porque tanta tristeza? O corpo pedra depois do choque e de encontro ao reto e a borracha; Drussilla demorou-se nos nervos, rebatia por dentro feito bolas de bilhar aos montes, no meio do combate.

Sara em êxtase na transformação da dor, a saliva escorre dos cantos da bola de borracha enorme, enquanto o corpo volta devagar e exausto. Respirava pouco, parecia morta.

Tudo isso e a experiência libertadora de estar nua, sem suas roupas de sempre, sem o coturno do exército revolucionário para chutar a cara dos otários. Sem ter de mandar, ficaria ali no fluxo dos planetas, a Ursa Maior invisível debaixo do zodíaco, sendo torturada.

– Mesmo toda fodida, você não esconde a decepção de que seja eu, de que não tenha sido Ana Luísa. Esse choque não é nem metade do que posso dar; poderia ter te surrado com a barra de ferro ao invés de borracha, seria o ferro no seu cu agora. Imagina um condutor elétrico enfiado em você, a garra que te pus aqui teria posto ali, ainda mais fundo, dividiria os fios que enrosquei nos dedos entre seu pé e a barra; posso fazer isso quando quiser. Sabe por que parei? Não estou cansada, não me im-

porta te dar descanso algum; só não sei mais como fazer pior, não sei porque não consigo escolher.

Você é tão culpada, Sara, dormia tão chapada que não houve faca, orelha cortada, nem beijo na boca. Foi fácil te tirar as roupas, sorrindo de tonta enquanto te amarravam pelada na barra de ferro parecia que você gostava. Depois te suspenderam igual rainha, parecia que seria comida, posta nos cavaletes; eu sou sua fogueira, Sara, vou fritar você e comer.

Posso até te tirar daí, jogar você desmaiada de novo num buraco escuro e apertado. Pelada, para quem quiser pegar você nos peitos, nas coxas e na bunda; vou te fazer pisar descalça no pior chão do mundo. Tenho todo tempo que existe, você mesma sabe que não faço nada, não sirvo para nada. Tenho mil varas para te surrar, maços de cigarros para fumar e escrever na pele que você é puta, baldes de água para enfiar tua cara e te afogar. Tenho facas, giletes, tenho arame farpado e um alicate para entortar o arame e te beliscar, serve para te arrancar as unhas.

Vou tirar sua mordança... Se você falar, coloco de novo, faço tudo de novo, mas bem pior. Vou girar esse botão além, usar o ferro para bater então, antes vou passar o meu cigarro aceso em todas as

marcas que você tiver, para cada vez que tiver de começar de novo arrancarei uma unha do seu pé com meu alicate monstro.

Não diga nada, Sara, só quero sua língua de fora, como se zombasse de mim e para me lamber os pés, como se fosse escrava.

The night stalker

Quase sozinha, Sara observa a chuva debaixo de uma das lajes do Parque do Ibirapuera, justamente aquela que cobre o espaço onde as pessoas patinam, andam de skate, de bicicleta, fazem feiras de flores quando entrar setembro – está diante da entrada do Museu de Arte Moderna.

Sentada no chão, as pernas dobradas dentro da saia do vestido roto, dá para ver o trânsito na Avenida Pedro Álvares Cabral, em frente ao antigo prédio do Detran. Tudo passa tão devagar através da chuva, Sara abraça os joelhos recostada na coluna fria – a chuva que não passa respinga na parte das pernas que o vestido não alcança, respinga nos ombros e no rosto. Às vezes cai com mais força, molha as pontas dos pés e invade o vazio entre Sara e as coisas.

Anoitece cedo, as nuvens e o céu fechado entre as nuvens, nas poças d'água formadas nas falhas do gramado e do cimento cada gota parece uma mocinha dançando, fazendo ponta no meio dos círculos. A gradação do cinza lá longe, para os lados do centro o escuro e o chumbo; acima, a massa prateada, sem Sol e sem Lua, somente a direção do olhar parado nas fileiras de carros entre as luzes vermelhas e as dos freios. Teria de sumir dali logo menos, mas por enquanto pode.

Sara às vezes Zen, aos poucos deixaria de lamentar o que se deu. Uma transformação quase lírica, como trocar as sinfonias de Beethoven pelos lieder de Liszt, Sara ouvia a retórica mínima na chuva longe o suficiente para não se distrair com os barulhos dos carros e dos escapamentos abertos das motocicletas. A posição é quase a mesma, a maioria dos cortes deixa a linha fina quando cicatriza, os hematomas mais rasos se desmancham amarelados debaixo da pele. Dói bem menos quando se alivia, quando se senta – alguma coisa continua machucada por dentro – não há como esconder os anéis ao redor dos pulsos e dos tornozelos – a marca demora sumir, as pulseiras e as tornozeleiras roxas parecem enfeites, como tatuagens. Os hálux ficariam enfeitados também – nos dedos em que se prende-

ram os fios havia marcas de pele queimada, iguais por onde pontuara a garra – nas plantas dos pés as pancadas não deixam marcas, havia os cortes novos e as queimaduras das bitucas de cigarro acesas, pisadas sem querer.

A boca quase fechada debaixo da laje e da chuva, seus dentes claros, Sara às vezes sentia o gosto do que aconteceu depois da surra; o gosto das ruas de São Paulo no dorso da língua, experimentou o sal e o tempero agridoce. Ela e Drusilla misturadas nas poças esparramadas no chão, debaixo dos cabelos; lambeu seus pés como se fosse doce, sorveu o que havia ali. Teve tanto medo de ser espancada de novo, de ser eletrocutada de novo, de ser sodomizada com a barra de ferro, que fazia tudo que Drusilla mandava, diria tudo que quisesse ouvir – Sara no passado, seu futuro foi o pé sujo de Drusilla na cara, como se fosse culpada.

A tarde vira noite, faz frio, Sara abraça os ombros fora do decote para não sofrer tanto, os cabelos soltos e o veludo. Vai se levantar daqui a pouco, o chão molhado arranha menos, mas fica tão frio... De pé, precisa da coluna para se apoiar, afasta quanto pode os pés descalços da chuva e das pequenas poças.

As luzes são acesas, a segurança passa, Sara vai pelo pavilhão; prefere o asfalto do estacionamento à grama úmida, a lama deve estar gelada – nos primeiros dias pisava apenas com as pontas dos dedos, com os arcos e os calcanhares, depois não daria tanta importância. Cruzou o portão diante do Prédio da Bienal, está em dúvida, debaixo da chuva, se segue contornando o Parque até a Avenida Brasil, ou atravessa a passarela e segue por dentro dos bairros, em direção ao centro, pela Vinte e Três de Maio. Vai pela passarela, no emborrachado duro e cheio de falhas, segue rumo à Brigadeiro Luís Antonio pela Pedro Álvares Cabral, de volta ao asfalto; o caminho não tem marquises de lojas para se proteger da chuva, os pontos de ônibus estão lotados, Sara vai como se não fosse nada.

Passou o tempo sem volta presa no cubículo escuro, mal cabia ali onde foi jogada depois de quando nem se lembra como terminou a tortura. Não podia se levantar, esticar as pernas, levantar a cabeça sem encontrar nas paredes; os pulsos foram algemados para trás do corpo e a alçema de dedo ainda prendia os hálux. Acordou tremendo de frio, de febre, ficou horas gemendo de dor até adormecer assustada e acordar de novo; Drusilla disse que

cuidaria dela, que seria dependurada outras vezes e interrogada até confessar.

Veza ou outra, batiam na porta de ferro. Sara não saía do transe entre a vigília e o sono, todas as vezes pensou que fossem abrir, pensou que seria espancada. Ela se lembra que urinava de medo, perdeu urina e suor até secar durante a febre que fazia lá dentro e os murros na porta; tudo que queria era que chovesse no buraco escuro feito chovia agora.

A noite vem, Sara e as nuvens para beber o que caísse do alto, caía mansa e constantemente. Na calçada do Segundo Exército a mocinha era toda molhada, o vestido pesa, o cabelo, o asfalto duro é pedra de gelo. Sara não descruza os braços para proteger o colo e os ombros; fica saltitando diante do Ginásio do Ibirapuera sob o farol e a indecisão se sobe até a Avenida Paulista pela Manoel da Nóbrega ou pela Brigadeiro Luís Antonio. A segunda parece bem menos deserta e soturna, Sara escolhe se passará vergonha ou medo.

Das cadeiras e arquibancadas repletas do ginásio, urros medonhos vão parar na rua, a luta livre rola solta lá embaixo. Depois das duas mulheres, são quatro australianas, o mundo lá dentro e Sara quase sozinha do lado fora prefere se desviar das rádios-patrolhas estacionadas ali e atravessar a rua.

O céu é de uma cor intensa negra, há uma nuvem só sobre a cidade; o fluxo dos carros aumentou bastante, entre o portão do Parque e a Brigadeiro, Sara levou mais de uma hora, pé ante pé, sorrateira.

Os luminosos das poucas oficinas mecânicas onde fora um paraíso delas na década de 70 do século passado estavam apagados; havia apenas luzes nos postes, nos bares, padarias, postos de gasolina e bancas de jornal. Sara ia rente às paredes das casas – por sorte, a chuva não vinha na direção contrária, não molharia as pernas nas águas das sarjetas, jogadas pelas rodas dos automóveis. Sabia dos bares, tem alguns trocados guardados no colo, pretende subir a avenida pingando entre eles para se proteger; seu andar vagaroso vai de encontro ao asfalto gelo, o momento no ar mal esquece o frio, antes de voltar ao chão. Sara tenta palmilhar tranqüila, mas o pé insiste em se afastar do toque; o vento frio castiga as pernas e os braços quando bate.

Na esquina com a Rua Lorena há uma padaria; Sara, se cogita entrar, desiste, jamais passaria assim pela mocinha das comandas. Atravessa a Brigadeiro debaixo das marquises, melhores do outro lado, segue até a esquina da Rua Batataes, onde há um boteco menos exigente.

A porta da cela ficava encostada no lado esquerdo do corpo; quando abriram a porta, ela tomou de lado e caiu – o buraco escuro ficava pelo menos um metro acima do chão. Sara bateu a cabeça, acordou do susto, zozna da pancada enquanto ouvia: não era ela, não poderia ser ela, mais duas atrizes haviam sido mortas nessa mesma noite e ela estava presa; as duas com as gargantas cortadas, no intervalo de tempo pequeno, entre dois lugares distantes da cidade.

Salva pelo estripador, Sara achou que seria executada agora mesmo, como nos tempos do esquadão da morte. Não conseguia distender o corpo, permaneceria em posição fetal, recolhida no meio da câmara; não abriram as algemas, suspensa pelos braços, foi arrastada dali pelo corredor imenso até o camburão. Ouviu o ronco do motor da máquina; seguiu sacudida à mercê das lombadas e dos buracos, foi de encontro às paredes de ferro da camionete antes de ser desovada na periferia.

Parecia a tortura – o corpo acostumado tenso estala; as algemas rasgam; as feridas, na pele esticada, abrem. O asfalto piora, vira terra batida, a estrada vira picada até o camburão parar – ficou o farol aceso, os grilos e as cigarras. Não houve tiros nem

nada, não houve estupro, depois de abrirem as algemas só foi jogada no meio do mato.

Sequer choveu naquela noite, Sara adormeceu feito criança por cima do capim; despertou com o nascer do Sol, voltou a sonhar, acordou com a chuvinha rala e alegre misturada com o Sol. A fome era imensa, a sede, a luz permite ver os traços do que havia passado, não havia parte do corpo que não estivesse bastante machucada. Não consegue sentar, pôr-se de pé, engatinhou até os arvoredos mais próximos para se esconder.

Atravessou a manhã e a tarde paralisada de medo, quando tombou a noite ela saiu das moitas; saiu mancando, cada seixo parecia um prego, foi rente ao mato caso precisasse sumir de repente. A noite de pouca Lua favorece Sara, ela viu uns barracos perdidos na estrada de terra. Noite adentro, Sara espreita perto dos quintais desertos aqueles onde não há cachorros; espera pelos varais suspensos, a dona descuidada que não tirou a roupa antes de dormir, roubar o vestido roto, que ela ainda usa.

Caminhou pela estrada de terra quase o tempo todo, o vestido pequeno ficou curto demais, justo demais, não cobre nada dos braços e das pernas. Havia transpirado muito, a poeira do dia colava no corpo, Sara retornou ao mato quando divisou o as-

falto. Adormeceu faminta, a boca seca, sonhou que devorava todos os insetos do mundo para matar a fome. No dia seguinte não havia chuva, precisa se recuperar e ganhar o asfalto antes que dessem falta do vestido e a perseguissem, ladra.

Da porta do boteco, observou os fregueses, havia apenas alguns pingüços acomodados no balcão. As cortinas de plástico com janelas transparentes protegiam da chuva as cadeiras do lado de fora, Sara criou coragem e entrou, ligeira para que o homem do balcão não visse. O chão liso sujo de tudo patina, por pouco não escorrega antes de chegar; o cara mal humorado espera, Sara verifica a tabela de preços antes de pedir – ela mostra os trocados antes de receber, a dose metade conhaque metade pinga.

No bar dos rotos, ela parece menos mendiga. Saltitando de frio, das roupas e dos cabelos molhados, queria beber de uma vez porque era o gosto ruim e para se aquecer, mas só tinha dinheiro para poucas paradas, nem para onde ir. Na cova dos leões, maltrapilha, Sara parecia mais nova, as curvas marcadas do corpo no vestido roubado faziam dela uma mocinha perversa, descalça, com roupas de menina; quem estava ali olhava assim para ela, quem passava nas ruas... Ela não pode desprezar ninguém, procurava o fundo do copo para se desfazer da cena

e medir as tragadas com o que sobrava da dose. Não sentava, permanecia de pé, pronta para fugir; não gostava das mulheres dos bêbados, elas eram feias, Sara preferia não ser esse tipo de ameaça – isso é impossível. Nos botecos menos mal afamados, os mocinhos miravam sua bunda redonda, as coxas, as namoradas se compadeciam da moça descalça, debaixo da chuva e dos olhos – seria seu karma, talvez merecesse isso.

O dia seguinte encontrou Sara mancando no acostamento da estrada asfaltada, estava perdida. A cidade começa a aparecer nos postes de luz, nas linhas telefônicas, nas viações de ônibus e nos vagabundos; aparece nas padarias, Sara fica vagando nas imediações da primeira que viu, logo de manhã. As marcas e cortes chamariam mais atenção que o vestido, está escondida entre os latões de lixo e os mosquitos. O cheiro amargo enjoa, Sara esperou o movimento acalmar até que o lugar ficasse só das crianças e de mocinhas menores que ela.

Verifica o movimento na padaria, o tamanho dos homens do balcão e do caixa, a moça dos sucos de laranja e das vitaminas olhava só para baixo – Sara seria suspeita antes de roubar. O lixo vira guarita, aproveitar a menina, a bengala de pão e o leite no saco plástico; ela não saberia jamais de onde vie-

ra o salto, a queda, que sentido teria tido o leite e o pão. Foram em disparada pelas ruas cruzadas em confusão, o tempo do vôo, Sara se embrenha nas beiras da estrada, no asfalto, as feridas nos pés se abrem novamente. Não havia planejado a fuga, correu até tropeçar e cair, ainda se arrastou, depois que tropeçou; depois comeu, bebeu, pretende esperar a noite para se esgueirar.

Durante o dia, dormia nos buracos sujos, perto dos desmanches e dos ferros-velhos; andou próxima das barracas das feiras, das frutas que viravam bola na ginga dos moleques, das cascas de pastel que quase ninguém quer mais. E enquanto todos dormiam, Sara seguia acordada, porque seguia descalça, ninguém ouvia. Perdeu a noção do tempo, da semana, do dia; perdeu o mês, perderia o ano se não voltasse, a esmo, ao centro da cidade.

Tornou-se arredia, evitava a todos, perdia-se no Céu, abobalhada. Não roubou mais nada além do vestido e do primeiro almoço, tinha medo de ser apanhada de novo, ganhou algumas sopas e esmolas só porque estava sentada na sarjeta ou encostada nos muros. Tornara-se desleixada – se quando ganhou a estrada, tivera cuidados onde se arranha ou pisa, mal vê por onde anda agora – banho quando chove, passa as horas esperando nada enquanto

caminha sobre restos de frutas e verduras, cacos de vidro e de plástico, bitucas de cigarro que ela fumaria, se tivesse visto.

Às vezes, ainda sente a pontada dor na sola do pé calejado e sujo, que já fica áspera – as ranhuras pretas parecem fazer parte deles e da pele sobre os maléolos, as rótulas, nas articulações do úmero nos ombros e nos cotovelos, nas articulações de todas as falanges. Quando é farpa, tira, se é espinho ou caco... Se for cigarro, tem hora que apaga a brasa para ver se dói. A dor como sinal de vida, Sara foi dar, sem querer, em bairros menos afastados das margens do Rio Pinheiros; próxima do centro e de si, deu para sentir frio e o incômodo com a garoa de algumas tardes nubladas.

Seriam sinais de cura, ou talvez os contornos de São Paulo trouxessem Sara de volta. Um dia perguntou, invocada, o que foi? As costas rentes ao poste de luz, parada numa perna, a outra, dobrada – põe o pé no poste – as mãos, na cintura, não fechou a boca, em desrespeito. Os peitos quase saltam fora do decote, como dois foguetes, quem enfrentaria Sara e seus foguetes? Os mamilos duros – granadas de mão – sentiu o anseio no meio do diafragma, está a um pulo da cabeça agora.

Passou a descolar cigarros inteiros, taças inteiras, as latas de cola de sapateiro entre pedras de craque, descolou um fumo. Ficava de longe, o coração nas trevas, vai verificar atenta as confusões de sempre – talvez fossem as pernas lisas e duras, o colo sem sutiã, o queixo e o nariz empinados. Sondava como se fosse caça, o pescoço altivo da garça e o bico fino vai pescar os peixes; subia em árvores, atravessava os muros, ia pelos telhados... Apareceram as fábricas, a fuligem, muitos foram assaltados por Sara debaixo dos viadutos, caídos de bêbados.

Não acumulava nada, só seguia adiante; sempre que dá, desvia das voltas que reconhece. Por isso só foi cruzar a Ponte Cidade Jardim para alcançar a Nove de Julho, preferiu andar até a Juscelino Kubitschek que continuar na outra avenida, chegou no Parque do Ibirapuera pela República do Líbano e em vias de se transformar.

Está na hora de sair daqui. A bebida acaba, se pedisse outra teria menos paradas para descansar da chuva. A língua amarga, fecha os braços sobre seu corpo antes de afundar os pés nas águas. Precisa escalar a Avenida Brigadeiro Luís Antonio se quiser chegar no centro da cidade; a chuva escorre lá do alto canalizada pelas ruas, entre os edifícios; mesmo

quando cai mais fraca do céu, a enxurrada ainda forma poças nas sarjetas.

Começa a tiritar antes da José Maria Lisboa, só pararia de novo depois de cruzar a Avenida Paulista – só parou depois da Conselheiro Ramalho, na altura da Praça Pérola Byington, antes da Catedral da Sé. O adiantado da hora, nos relógios da Avenida Paulista já passa das vinte e duas; Sara apanha do vento frio na encruzilhada, na ponta dos pés, teve de esperar a vez para atravessar. A faixa de segurança faz o desenho do palco, atravessou diante dos faróis dos carros, densos na garoa, cercados de vapor e feixes de luz refratada.

A configuração das calçadas muda com o comércio ao lado, as partes diante dos botecos são as piores partes. À medida que ia, as portas das lojas fechavam, ficava mais escuro, o trânsito sossega na direção do centro além do Viaduto Armando Puglisi e do cruzamento com a Avenida Treze de Maio; o chão fica mais sujo e mais esburacado, das bocas de lobo surgem os ratos quando a chuva acaba, a umidade deixa o ar fácil para respirar. A Radial Leste-Oeste corre perpendicular lá embaixo, se tivesse vindo pela Avenida Vinte e Três de Maio teria chegado antes. Mas não veio, veio pelo parque, pelos bares, parou pela segunda vez do outro lado do Vi-

aduto Dona Paulina, naqueles botecos na Praça da Sé.

Fez as últimas curvas da subida mais devagar – o frio cansava mais que a ladeira – foi parando porque foi ouvindo músicas de órgão, que vinham abafadas do interior da igreja. Sara não sabia, foi capturada pelo 5º movimento dos Hymns Spheres... – perdera o Hymn of Remembrance; terá tempo para o Hymn of Release? Escolheu entre os botecos dali o que acendia menos, nada de azulejos brancos e de luzes frias; a luz cor de laranja fraca, o piso de cerâmica vermelha pegajoso, as paredes de azulejo azul só pela metade. Entrou só para pedir a dose, pediu copo de plástico, foi beber no limiar da porta e do concerto.

Prestava atenção na música e na bebida; perdida no contraste com a parede preta, estava elegante no vestido preto, os pés rentes ao chão, unidos em posição de sentido. Segura o copo com as duas mãos e escuta; quando o movimento acaba, pensa que acabou a música. A fuga pela esquerda, antes de dobrar a Barão de Paranapiacaba voltou-se algumas vezes na direção da igreja, virou na Quintino Bocaiúva, a José Bonifácio até chegar no Largo São Francisco, aparece no Vale do Anhangabaú. Debaixo do

Viaduto do Chá, teria sido mais fácil seguir pela Rua Direita.

É mais fácil se esgueirar nos becos e vielas que nas ruas largas, Sara vai por cima do túnel até ficar em dúvida, na Senador Queiroz, se continua pela Prestes Maia, ou não. O olho agudo dobra a esquina, as bolas de fogo parecem flutuar na encruzilhada de três da Senador Queiroz com a Casper Líbero e a Rua do Triunfo. Aos poucos as bolas viram quatro, duas a duas nas pontas dos bastões nas mãos da malabarista; para os poucos carros diante do semáforo, a dança do fogo da mocinha negra pelo fim da chuva. Ela subia descalça nos ombros do mocinho forte como se fossem a torre e o farol, o menino franzino parecia o Gibi, aproveita os vidros abertos para fazer valer o espetáculo fora do circo – a malabarista faz o que bem quer do fogo, faz o que bem entende com as pernas, faz as pontas dos pés juntos sobre a cabeça do moço imóvel e duro, como se fosse guarda.

Sara espreita, mira as coisas deles amontoadas de canto, a mochila e os casacos nas grades do Poupatempo Alfredo Issa. As poças d'água, lixo derramado e alguns cacos de vidro, a pedra de crack no bolso da mochila e a malha de zíper, que seria da outra mocinha; tomada de frio, Sara se enrolou na

malha de tricô, tentava evitar que a malha chupasse as águas do vestido e dos cabelos molhados, achou também o isqueiro e acendeu a pedra no cachimbo de vidro na hora do próximo número.

Mesmo assim a outra ouviu o click, o flux da chama, saltou do alto da cabeça dele, virado na direção exata. O muque armado, o Gibi lépido, três contra um antes do farol abrir. Sara mal tem tempo de ajustar a malha torcida entre os braços nas costas, o pega fatal e salta junto para tomar a Avenida Ipiranga, a Rua dos Andradas – Vitória, Triunfo, Aurora para confundir – dispara pela Santa Ifigênia até o viaduto.

O asfalto seboso desliza, corre nas pontas dos pés chapada para não deslizar, o fogo parece sob o controle da malabarista. Em chamas! E parece que voa bem no seu pescoço. A terra treme nos compassos do homem coluna, o cara viraria o Hulk no encalço de Sara; o Gibi flash faz igual às bolas no fliperama, rebate de quina em quina entre as avenidas. Sara se perde entre os edifícios, na carreira pela Avenida ela dá tudo que tem para escapar da trupe; não olha para trás, bastou cruzar o Viaduto Santa Efigênia para que se esvaísse o fogo, sustentasse o drum drum drum do moço, parasse o flip flip flap do moleque.

Na Praça Pedro Lessa Sara caiu de joelhos – mais molhada de suor do que estava da chuva – esperou o bote da trinca, que não veio. O lugar completamente vazio, a sombra estranha nas paredes da Catedral de São Bento se misturava à dela, Sara que já se levanta em meio a braços mecânicos, como se fosse aranha. A luz veio por trás, a mocinha exausta se esquivava, escondida pela banca de jornal fechada.

Parece ruído de esguicho d’água de pára-brisa, ruído de impressora a laser, os membros mecânicos quando movimentavam a máquina tateando a Praça e o que deveria ser seu pescoço, a cara de lâmpada do robô acesa. O olho do ciclope varia da apreensão ao foco, o canhão de luz se recolhe, atrai e encanta enquanto alguém caminha pela Florêncio de Abreu. Não faz alarde, vai por cima da banca, através da praça, fica escondido na esquina da Catedral; o olho quase apagado parece luz negra de danceteria que só Sara vê.

A hora do susto, o robô maligno ataca a moça loira, que subia a rua – a mocinha única. Foi dar ali na hora do inesperado, no tempo sincronizado do cosmos, que ainda gira em torno da Terra e dos planetas. Não teve como reagir, nem sequer gritar, Sara queda hipnotizada ao assistir à moça ser alçada no ar pelo robô aranha. Cada tentáculo vai segurar

um membro, analisa com a luz o corpo esticado enquanto utiliza um dos braços para lhe cortar as roupas e os sapatos; o foco no centro da testa fica obnubilando a vítima, obnubilando a vítima, obnubilando...

Do peito do robô maldito surge o aparato para cirurgias, o bisturi divide a moça ao meio desde baixo. As pinças para separar entranhas, outros bisturis para tirar a pele, a túnica de pele na musculatura. Opera minucioso, estudante dos fatos, o robô dinâmico armazenava dados para organizar o corpus no cérebro eletrônico. Retirou a face como se fosse máscara, serrou o crânio, invadiu a tampa da cabeça aberta e todos os registros; desceu pela espinha dorsal na ponta da agulha sonda, cada mão segura um órgão separado; três para desenrolar o intestino em metros, pronto para separar costelas, pulmões, até que atinge o coração pulsante.

Cientificamente desmontada, o estripador metódico anseia pela anatomia humana e a transmissão das coisas dos terráqueos pelo espaço afora.

Caracol

né(cómoemsonbo)voa

torna

grande cada dim

inuti

vo faz o óbv

io e

str

anbo

e e cummings /

Augusto de Campos

Valquíria diante da ilha de edição; na primeira cena do filme, Fidel Castro faz seu interminável discurso ao povo cubano, mas o som é a leitura da carta enviada à União Soviética durante a crise das armas nucleares. Fidel pareceria Nero, Purusha se transforma em Prakriti diante da história; o uniforme da guerrilha faz parte do homem, o chefe de estado vai ao encontro da estátua de cera que fizeram dele no Museu da Revolução.

Nas praças de Eldorado, a América Latina parece que só tem a forma de palanque, o jornalista e poeta Paulo Martins trama a queda de Porfírio Dias no meio do comício que está pronto para colocar Jerônimo no poder.

Talvez fosse mais fácil imaginar o Zé do Caião interpretando Brás Cubas no filme brasileiro – o ator defunto no lugar do defunto ator; o livro é azul, a mosca azul vai cantar a noite inteira no xadrez de estrelas.

é lamp

é lamp

é lamp

é lamparina

é lampião

seu nome é virgulino

o apelido é lampião

é um cabra desalmado

é o rei lá do sertão

é lamp

é lamparina

é virgulino

é lampião

vinte e cinco anos de guerra

chapéu de couro, fuzil na mão

é lamp
é lamparina
é virgulino
é lampião
sanfonas violas cornos
violões coro
é lamp
é lamparina
é lampião
seu olho cego revela
contra metralha faca e canhão
é lamp
é lamparina
é virgulino
é lampião

A cantiga de cego parece poesia concreta, parece poema do Haroldo de Campos, parece a capa do zabumbê-bum-á, do Hermeto Pascoal. Só não estejas iludido, a bala entra em teu corpo como em qualquer bandido; também parece poesia *beat*, parece poema do Allen Ginsberg.

A guerrilha e o cangaço; a cabeça de Lampião no museu, exposta ao público; a de Ernesto Che Guevara e a do seu Madruga, nas camisetas e nos postes de Cuba.

Valquíria desembarca na Baía dos Porcos, está pronta para entrar no Palácio da Salsa com uma garrafa de rum amarrada na coxa, para não cair.

Sabe o que disse o poeta?

 pelas labutas das eras
em meio às pompas e aos esforços de guerra
 que combati, batalhei e pereci
 vezes sem conta sob a estrela
 como através de vidro sombrio
 a luta milenar, eu vejo
onde combati sob muitos rostos
 muitos nomes
 mas sempre eu

Quem sabe, nos institutos de física, dos aceleradores de partícula surja o super-homem a nos redimir do atraso; o homem-partícula venceria por fim a gravidade, controlará os grávitons, penetrará nas entrelinhas das páginas dos livros. A força de atração da América Latina imunda, o lugar ameno coincide com o Trópico de Capricórnio em São Tomás de Aquino; eu não vi, mas Haroldo de Campos viu Oswald de Andrade, reclinado numa cadeira de balanço, lendo o Trópico de Câncer, de Henry Miller.

Tudo depende do ponto de vista, por isso tudo é heteróclito e multifacetado, tudo se passa como se incolores idéias verdes dormissem furiosamente, verdes dormem incolores furiosamente idéias. Há uma miscelânea ali, em transmutatio, retoricamente construída para não parecer gramática. A cantilena lá, a modernidade sob a Terra; perto dos infernos, resolve como Édipo resolve sua família, a impossibilidade de escapar da autoctonia, subterraneamente manda:

Adeus, felizes campos onde mora
Nunca interrupta paz, júbilo eterno!
Salve, perene horror! Inferno, salve!
Recebe o novo rei cujo intelecto
Mudar não podem tempos, nem lugares;
Nesse intelecto seu, todo ele existe;
Nesse intelecto seu, ele até pode
Do Inferno Céu fazer, do Céu Inferno.

Inteligência demais inspira desconfiança; no Brasil, todo nacionalista é, antes de tudo, um canailha. Um ramo pobre no jardim das musas, a nossa alma triste como a rola aflita, Valquíria insiste no próximo capítulo depois do quase espelho, a América Latina em transe no jardim de camaleões.

Pode ser um barco, a bandeira da peste içada afastará os tontos, nada de pedra, mas madeira, para flutuar nos mares. Colocar a máscara, fique preparada para dar em todas as caras trotes pela rede elétrica.

Melhor ainda se for feita de ligas de metais fundidos, a nave pronta para enfrentar o frio do espaço, o vácuo, a radiação de fundo vinda do Big Bang. Dobrará o espaço-tempo em curvas pela gravidade, atravessa o cosmos, vai fazer quasares e pulsares através das palas.

Reproduzida tecnicamente, Sara transita pela rede elétrica – Sara e a aura de sua reprodutibilidade técnica.

Às vezes entra sem querer – ela aparece e abre; outras, em cascata. Todas as bandeiras do mundo – recebeu e-mails em todas as línguas traduzindo o texto – em Português fica assim:

Vivo para ser dominada, humilhada, controlada.

Quero ser amarrada e amordaçada, punida e espancada.

Adoro ser torturada. Preciso ter meus limites testados.

Não mostre piedade alguma, preciso sofrer e suportar a dor.

Rapte-me! Leve-me prisioneira! Não posso desobedecer!

Machucar-me é me amar, e eu preciso ser amada.

Se você tem mais de dezoito anos de idade e pensa que pode saciar meus desejos, entre na minha vida agora.

Se você ainda não cresceu, não vai me satisfazer, vá para outro lugar.

Sua boca grande te oferece o beijo; o beijo como foi o beijo roubado do robô de aço – nada a ver com o coração de aço, apenas pensa no abraço da melhor amiga quando diz “até mais tarde”.

Ana Luísa caiu do céu quase como cometa, pronta para colocar em extinção os dinossauros – Sara, naquele instante perante a igreja, se lembra de que nunca viu a cara do professor de música de Ana Luísa. A face de metal que se parece lâmpada, dentro do capuz escuro, somente a voz suave, assustadora, do fundo da alma como das lições de música, do fundo escuro do capuz escuro e do rosto.

Sara reconheceu o estripador naquela noite.

A experiência no lugar das taras, o corpus do robô analítico dá forma aos corpos das atrizes e do modo dramático. Separou cada parte do que havia

sido Mary; isolou as formas femininas abstratamente; induziu, de cada uma delas, o todo.

Quando se voltou para Sara já seria estupro. Ela tentou fugir – paralisada de medo – flutuou no ar, como os conselhos, o robô metálico suspendeu Sara em forma de cruz, em disco solar, muda de medo, o aparato pênis surgiu do cilindro tronco da máquina pronto para penetrar. O vestido sobe quando abre as pernas, o membro tromba do robô gigante invade Sara até chegar no útero, o olhar lâmpada da única luz tem por meta a mente da moinha símbolo. Presa de novo, como nas torturas, o gozo do robô é choque, a descarga elétrica na boqueta como se fosse sêmen. O orgasmo lúcido do robô viril, virou o rosto depois de gozar, devolveu Sara ao solo com delicadeza de médico; ela tremia de medo, do choque, da transformação, que é um tipo de morte.

* * *

As partes articuladas foram recolhidas, o metal dobrado, tudo para dentro do tronco; a cabeça apaga, o manto de beneditino esconde quando veste o capuz. Vai em direção à Catedral, escala as paredes

do templo, sumiu sobre os edifícios da cidade grande antes de Sara fechar os olhos e adormecer.

* * *

Na manhã seguinte, o corpo estripado na Flo-rência de Abreu – por sorte, acordou antes da polícia chegar, com as sirenes vindas do Vale do Anhangabaú.

Aprumou-se lépida, feito as pombas; cobriu-se como pode com a saia rasgada. Ficou ainda mais bonita, mas não há como competir com o corpo estraçalhado da vítima; sumiu entre os edifícios na contra mão das pessoas.

Foi a última vítima do estripador brasileiro, só Sara sabe em que nave espacial ele desapareceu no céu em forma de música eletromagnética e radiação de fundo.

* * *

Através da quase morte na tortura, Sara teve também sua morte semiótica, despojada das roupas, da oficina, do carro verde, do coturno do exército revolucionário. Já não tem mais voz de comando,

foi abandonada pelas ex-namoradas e suboficiais; Sara, nem sempre lírica, sempre foi só signo.

Tecnológica, o choque movimentou seus códigos; Sara, pelo telefone, foi parar no meio dos escombros, era uma casa velha, um palacete mal assombrado. Escondida ali, no meio dos fantasmas que ninguém quisera, encontrou a luz, os chips de memória, bastou religar a chave que a luz se fez dentro dos quartos.

Nos quartos da casa velha – agora casa de Sara – nos cômodos de todas as casas; para ver a Sara dos faróis de trânsito transformada em pixels, fotografada em dígitos, revela-se bizarra pela rede afora.

Sara investe em todas as taras, recriou seus passos e torturas, há ali fotos e filmes para te pegar – o mundo inteiro paga para ver sua prostituição tão franca e tão metafísica, traduzida em todas as línguas, depende da bandeira que você escolhe – em Português, aparece escrito assim, como se fosse dito pelos beijos e pela boca grande de Sara, além dela e daquelas balas.

Notas para Sara

Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE

Entre as muitas avaliações que um autor faz da própria obra, encontro estas palavras, de Keith Haring: “Quero fazer uma arte que possa ser experimentada e explorada por muita gente diferente que tenha idéias individualmente distintas sobre uma obra determinada, sem que o significado acabe fixado definitivamente. Só o observador dá a obra sua realidade, sua concepção e sua importância. Eu sou apenas o intermediário que pretende reunir as idéias.”

Quando aproximada das propostas estéticas de movimentos como New Media Art, Video Art, Net-Art, Hip Hop, entre outros, essa reunião de idéias vai ao encontro de autores que lidam com tramas alheias na tessitura da obra, explicitando, nessa intertextualidade, um processo constitutivo de qualquer obra de arte, de outras épocas e lugares – um processo constitutivo de todo tipo de texto, seja ele poético ou não. Na linguagem do romance, *Sara sob céu escuro* termina sendo parecida com isso; além da trama em que *Sara* se define, ela se define também em relação aos textos convocados na constituição

de seu discurso; eu apenas tento ser o intermediário que pretende reunir suas idéias. Tudo se passa como se *Sara* fosse um site entre outros sites na rede de textos e discursos que forma a cultura contemporânea; um texto entre outros textos, formado justamente nesse processo de remissões constantes.

Nessas malhas em que o sentido é gerado, talvez seja justo deixar o leitor abandonado às suas próprias referências – salve-se quem souber – mas talvez não seja honesto para com os textos convocados em *Sara sob céu escuro*, quase um manifesto desse tipo de escritura. Portanto, no capítulo *Lírica e lugar comum*, faço alusão a Francisco Achcar, Sergei Eisenstein, Henry Miller, Valêncio Xavier, Vladimir Nabokov, Sigmund Freud, Wilhelm Reich, Arnold Schoenberg, Alguidar Julien Greimas, Merian Cooper e Ernest Schoedsack, Robert Louis Stevenson, Sor Juana Inez de la Cruz, Hermes Trismegisto, Lilliana Cavani, Frank Baum, John Boorman, Howard Phillips Lovecraft, René Guénon, Jorge Mautner, Oswald de Andrade, além de citações diretas dos textos *Lírica e sociedade*, de Teodoro Adorno, *O pavilhão de porcelana*, de Li Po, o haikai *Vento de primavera*, de Raizan, um Oriki de Oiá-Iansã, *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess, o *poema 42*, de Catulo, e *Na cadência do samba*, de Aaulfo Alves.

No capítulo *Salut*, são feitas alusões às obras de Eugênio Colonnese, Gedeone Malagola, James Graham Ballard, David Cronenberg, Edgar Allan Poe, Machado de Assis, Glauber Rocha, José Mojica Marins, ao lado de variações sobre o poema *Guardando a tralha* e outros versos do livro *Orfanato portátil*, de Marcelo Montenegro. No capítulo *Hard Krishna*, há citações dos poemas *Hard Krishna* e *Meu corpo fugiu*, de Joca Reiners Terron, da *Paixão segundo São Mateus*, de Johann Sebastian Bach, e da canção *Quem há de dizer*, de Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves, e há alusões a Fulcanelli, São João da Cruz, Platão, Frank Baum e Clive Barker. No capítulo *Flash beque*, há alusões às obras de Pauline Réaume, Joaquim de Sousa Andrade, Ferreira Gullar e David Cronenberg, e há citações do romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

No capítulo *Amá-la porque é nossa*, há citações da canção *O ébrio*, de Vicente Celestino, dos poemas *Ciao cadáver* e *New York City Girl* de Delmo Montenegro, e do evangelho apócrifo de Maria Madalena, ao lado de alusões a Glauber Rocha, Max Fleischer, Carlo Colodi, Victor Hugo, Stéphane Mallarmé, Hugo Georgetti, Castro Alves, Dante Alighieri, Edward Estlin Cummings; a personagem Palhaço Mete Medo foi criado por Estevão Simonka. No

capítulo *Quase estrela*, são feitas alusões a Augusto de Campos, Tatsuo Yoshida, Júlio Verne, Carlos Drummond de Andrade, Haroldo de Campos, Osamu Tesuka, Howard Phillips Lovecraft, além de citações de *Moby Dick*, de Herman Melville, e trechos da lenda da *Viagem noturna e ascensão do profeta Muhammad* e da *Hierarquia angélica*; as descrições das constelações estão baseadas no Planisfério Sul.

No capítulo *Apocalipsis cum figuris*, há citações da escultura-história em quadrinhos *Borba Gata*, de Luiz Gê, e de trechos dos romances *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo, *O Gaúcho*, de José de Alencar, do poema *Ver* e do quadro *Composição IV*, de Wassily Kandinsky, e do programa da *Sinfonia Fantástica*, de Hector Berlioz, ao lado de alusões a Delmo Montenegro, Émile Zola, Eça de Queirós, Alceu Valença, Glauber Rocha, Steve Reich, Robert Fuest, Anton Webern, Joaquim de Sousândrade, Qorpo Santo, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos e Jacques Lacan. No capítulo *A tarde cinzenta dos sentidos*, há apenas alusões a Augusto de Campos e a Walter Benjamin; no capítulo *The night stalker*, há alusões a Anthony Burgess, a Keith Jarrett e ao seriado de televisão norte-americano *Kolchak, the night stalker*; no capítulo *Caracol*, há citações do filme *Terra em transe* e do romance *Riverão Sussuarana*, de Glau-

ber Rocha, do poema *O paraíso perdido*, de John Milton e alusões a Machado de Assis, Ferreira Gullar, George Patton, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Ferdinand de Saussure, Noam Chomsky e Oswald de Andrade. Por fim, no capítulo *www.sara.com.br*, há alusões a Adoniran Barbosa, Walter Benjamin e citação do site *Subgirl*, de Molly.

Ornette nite explosão

Maurício Salles Vasconcelos

No primeiro capítulo de *Sara sob céu escuro*, o debate promovido em torno de *Lírica e lugar comum* – um embate aberto pelo corpo e pelo espaço dos personagens – não situa apenas uma problemática de gêneros. Capaz de rever “*o pathos da distância*” entre homem e a sociedade (p. 2), o livro não manifesta tão-somente a busca da linguagem da poesia como “*expressão de motivações e experiências individuais*” (*ibid.*). Pulsa ao longo do texto uma poética do romance expandido, explodido desde o *ticket-cut-up* de W. S. Burroughs (como se dá na trilogia *The Ticket that exploded*, *The Soft Machine* e *Nova Express*) até a escrita *cyber*, de Gibson a Colson Whitehead, passando pela inscrição-*tattoo* presente nos romances eróticos de Kathy Acker. É sob o toque de uma atualização do *narrativo*, lançado a quadraturas espaciais e conceituais dilatadas, que o mais novo escrito de A. V. S. Pietroforte se move.

Há um sabor reforçado nesse *Sara* – como se comentasse, inconsciente e contemporaneamente, em outra gradação de sentido e fatura, *Sarah*, assinado pela autoria *fake*, travestida de JT Leroy – em revolver a arte narrativa quanto mais vai se lançando numa voragem conceitual de corpos de mulher e lugares livremente nocionais. Pontualiza-se, então, com as virtualidades dos relatos e das imagens de agora, entre as máquinas móveis e o portátil livro de todas as horas.

A primeira e final referência se encontra em Henry Miller. De vera, pode-se ler *Sara sob céu escuro* como uma espécie de *Trópico de Câncer* no feminino, sem oferecer, entretanto, a narração a um personagem-mulher. Antes, irrompe de frase a frase o que Avital Ronell entende por *feminização do mundo*. Despontam uma conjunção de signos desmontadores do *logos* operante universal, em crescente perda de domínio em face da corporalidade, do contágio produzido pelas microdisseminações subjetivas de sensorialidade e convivência autônoma comum. Tal como ocorre na cidade transnacional, megapovoada, sem mais fronteiras entre os conjugados da vida privê e um cotidiano redesenhado para fora da lógica de um só lugar e da dimensão monovalente do escrito, assim como do imagismo telemático. Atra-

vés de corpos-de-mulher, mundo e topologia da ética contemporânea sinalizam outro campo de ressonância. *Sara* hospeda e orbita uma tal frequência, rumorológica, transmissiva.

Intrigante é ler no romance o adensamento dos referenciais de toda ordem como componentes fabulativos, essenciais a uma construtividade narrativa, que acaba por contar um pouco da história das escritas, das ficções, de relatos em sondagem e experiência, desde *Deus da chuva e da morte* e *Narciso em tarde cinza*, de Mautner. Sintoniza-se *Sara sob céu escuro*, em alguns momentos, com a linha desabrida de Campos de Carvalho em livros indeterminados por um raio de ação e linguagem em alta, livre, voltagem associativa e cumulativa. Especialmente, o Narciso do escritor-compositor retorna à leitura de *Sara*, quando se nota a combinatória lírica/narracional feita à volta de um personagem jovem, no que contém sua pulsão uma abertura ao acaso e aos discursos da cultura. Lê-se um pacto deliberado com a errância e a impregnação pelo ambiente, por gotas de chuva, por trilhas cosmicamente expansivas, que ligam os céus ao caos propulsor de SP.

Sara avança pelas quadraturas hiperreferencializadas dos diferentes campos de escrita e imagem, através dos quais a literatura vem se reconfigurando

nas últimas décadas, entre séculos, já. Autores como Ballard fornecem algumas pistas, ao mesmo tempo que as matrizes da *graphic novel* desbravam pelas mãos de quem escreve-digita um desenho sinuoso, nervoso, na dinâmica de uma radiografia.

Graficamente impactante como uma *animação* (no rastro da *anima*, frise-se), o mais novo livro de Pietroforte oferece essa potente condensação de focos remissivos. No lance mesmo em que palmilha um jogo que muito tem de incisivo – no sentido do incurso, do risco operacional –, de cartográfico mesmo – seja na refabulação de motivos líricos e narracionais (de Rimbaud ao *Crash*, de Ballard, dos mitos das épicas aos desacordes/desconcertos de um *tonus* operístico), seja na perambulação abissal pelo site-específico paulistano. Tudo se dá pela desenvoltura da sua ação, da impressão que Sara produz em conjunto com a teia convulsa de motivos e recursos motrizes. Dos *games* em todas as suas variáveis, em todos os formatos, parece provir o enquadramento superfabular das peripécias do simão – parafraseando-se aqui o argentino Luis Chitarroni, em seu *Diário de uma novela inconclusa* – em que se se monta o percurso de Sara. Percurso esse passível de ser apreendido por um traço de personagem e corpo-de-escrito em trabalho, tanto em

referendo quanto em reengenharia dos atos possíveis, concretos, de linguagem e homem/mulher no limite da arte e do conhecimento. *Pinball-Game-Romance*.

Sob céu escuro – Com felicidade, a marcação para as garotas cênicas da Praça Roosevelt ou o ingresso nos corais míticos, sodômicos, da Praça da Sé descortina uma outra geografia, outros códigos de ler/narrar. Uma poética *destroyer* se detecta na gradatura possante da transfiguração dos mínimos elementos, dos signos maximais, tecidos à volta de “somente três mocinhas a barbarizar na noite paulista” (p. 12). Depois de Burroughs, do *cyber* – entre o *Neuromancer* e o videográfico, hiperótico, *Santa Clara Poltergeist*, de F. Fawcett –, do *Infinite Jest*, de David Foster Wallace, apenas por meio da produção – ou da pós-produção em que toda forma de linguagem e arte se recompõe pelo dado/legado e, imediatamente, pelo inacabamento – de um *deck* de histórias, é que poderá ser reengrenada a escrita como um acontecimento vital, viral, à altura de sua inscrição multiplicada, simultaneamente acessada em planos e potencialidades combinatórios.

Sempre moventes, moduláveis aos corpos, em mais de um patamar de linguagem, de limite e linha, as *personae* intensamente feminizadas de Sara só fazem

desgarrar, de sequência a sequência, o livro literário de seus regimentos legíveis, legitimáveis. O poder de nomear tal transição de criação e leitura se faz no compasso de sua concretude visível, veloz, enquanto peça escritural, monumento (no sentido redivivo benjaminiano) que é de uma cultura em movimento (nada evolutivo, nem recursivo).

Grande felicidade é eu estar escrevendo aqui, entre a indeterminância do discurso e o instante-local em que *Sara* está acontecendo. Algo que se faz gritante e urgente para mim, nessa apresentação do livro. Principalmente, quando tenho nas mãos, como um dos primeiros leitores, um testemunho do momento maduro por que passa o trabalho criativo de Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.

Ainda mais esse 2010 eletriza como nunca pelo fato de ter lido, visto, *Sara sob o céu escuro* a produzir um ato integral, a ser compartilhado, completado, em seu tempo e cidade. Com a força de quem desbrava um vínculo há muito esquecido, disperso, da arte narrativa com a conexional e caosmótica Sampauleira. Entre Sara e os portais dos espaços/lugares comuns do dia até o próximo dia, existe, até antes e o logo depois, um livro.

Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE

- Formado em Português e Lingüística na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Fez o mestrado, o doutorado e a livre-docência em Semiótica na mesma Faculdade, onde leciona desde 2002 no Departamento de Lingüística.
- Atua nos cursos de graduação em Letras e no curso de pós-graduação em Semiótica e Lingüística Geral
- Na área acadêmica, é autor de:
Semiótica visual – os percursos do olhar (1ª ed, Contexto, 2004; 2ª ed, Contexto, 2007); *Análise do texto visual – a construção da imagem* (1ª ed, Contexto, 2007); *Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações* (1ª ed, Annablume, 2008); *Análise textual da história em quadrinhos – uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gé* (1ª ed, Fapesp-Annablume, 2009); *Enunciação e tensividade – a semiótica na batida do samba* (1ª Ed, Annablume, 2010).

• Na área literária, é autor de:

Amsterdã SM (romance, DIX, 2007);

O retrato do artista enquanto foge (poesias, DIX, 2007);

Papéis convulsos (contos, DIX, 2008);

Palavra quase muro (poesias, Demônio Negro, 2008);

Concretos e delirantes (poesias, Demônio Negro, 2008);

Irmão Noite, irmã Lua (romance, Dix, 2008);

M(ai)S - antologia SadoMasoquista da Literatura Brasileira (prosa e poesia, DIX, 2008), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso;

Fomes de formas (poesias, Demônio Negro, 2008), composta em parceria com os poetas Paulo Scott, Marcelo Montenegro, Delmo Montenegro, Marcelo Saheia, Thiago Ponde de Moraes, Luís Venegas, Caco Pontes;

A musa chapada (poesias, Demônio Negro, 2008), composta em parceria com o poeta Ademir Assunção e o artista plástico Carlos Carah;

Os tempos da diligência (poesias, [e] editorial, 2009);

Menthalos, composta em parceria com o artista plástico Jozz (história em quadrinhos, [e] editorial, 2010);

O livro das músicas (poesias, [e] editorial, 2010).

Feito nas Letras

A literatura brasileira contemporânea, produzida na virada do século XX para o século XXI, é formada por muitas vozes. Além de revisões constantes do cânone literário, há os herdeiros das propostas da poesia concreta, há ainda bastante ênfase na literatura dita social, há a poesia da ação afirmativa dos movimentos negro, homossexual, etc. Entre essas muitas vozes, há a poesia feita nos cursos superiores de Letras, realizada por alunos e professores dessa área do conhecimento. A coleção *Feito nas Letras*, do selo [e], vem ao encontro dessa poesia e pretende ser uma das muitas manifestações dessa voz.

Volume 1

Ávida espingarda – Ana Cristina Joaquim, Eduardo Vilar, Ellen Maria, Gustavo Vinagre, Ivan Antunes, Juliana Amato, Monique Prevedel, Renata Taño; organizador Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.

Volume 2

Há saci na fome – Luis Venegas.

Volume 3

Os tempos da diligência – Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.

Volume 4

Sara sob céu escuro – Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.

Volume 5

Dissoluções do como – Flávia Santos

Volume 6

Do centro dos edifícios – Álvaro Faleiros

Volume 7

Estilhaço – Roberto Zular

Volume 8

Ela não fuma mais maconha – Maurício Salles Vasconcelos

A coleção *Feito nas Letras* é coordenada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte